

EVANGELHO ETERNO (Apocalipse, 14, 6)

PRINCÍPIO OU DEUS – Essência Divina Onipresente, Onisciente e Onipotente, que tudo origina, sustenta e destina, e cujo destino é a Reintegração Total. O Espírito e a Matéria, os Mundos e as Humanidades, e as Leis Relativas, retornarão à Unidade Essencial, ou Espírito e Verdade. Se deixasse de Emanar, Manifestar ou Criar, nada haveria sem ser Ele, Princípio Onipresente. Como o Princípio é Integral, não crescendo nem diminuindo, tudo gira em torno de ser Manifestador e Manifestação, tudo Manifestando e tudo Reintegrando. Eis o Divino Monismo.

ESPÍRITO FILHO – As centelhas emanadas, não criadas, contêm TODAS AS VIRTUDES DIVINAS EM POTENCIAL, devendo desabrochá-las no seio dos Mundos, das encarnações e desencarnações, até retornarem ao Seio Divino, como Unas ou Espírito e Verdade. Ninguém será eternamente filho de Deus, tudo voltará a ser Deus em Deus. Esta sabedoria foi ensinada por Hermes, Crisna e Pitágoras. Jesus viveu o Personagem Inconfundível de VERBO EXEMPLAR, de tudo que deriva do UM ESSENCIAL e a Ele retorna como UNO TOTAL. O Túmulo Vazio é mais do que a Manjedoura. (Entendam bem).

CARRO DA ALMA OU PERISPÍRITO – Ele se forma para o espírito filho ter meios de agir no Cosmos, ou Matéria. Com a autodivinização do espírito, ao atingir a União Divina, ou Reintegração, finda a tarefa do perispírito. Lentíssima é a autodivinização, isto é, o desabrochamento das Latentes Virtudes Divinas. Tudo vai aumentando em Luz e Glória, até vir a ser Divindade Total, União Total, isto é, perdendo em RELATIVIDADE, para ganhar em DIVINDADE.

MATÉRIA OU COSMO – A Matéria é Essência Divina, Luz Divina, Energia, Éter, Substância, Gás, Vapor, Líquido, Sólido. Em qualquer nível de apresentação é ferramenta do espírito filho de Deus. (É muito infeliz quem não procura entender isso).

OSVALDO POLIDORO

Lei, Graça
e
Verdade

OSVALDO POLIDORO

**Lei, Graça
e
Verdade**

DEUS

Eu Sou a Essência Absoluta, Sou Arquinatural,
Onisciente e Onipresente, Sou a Mente Universal,
Sou a Causa Originária, Sou o Pai Onipotente,
Sou Distinto e Sou o Todo, Eu Sou Ambivalente.

Estou Fora e Dentro, Estou em Cima e em Baixo,
Eu Sou o Todo e a Parte, Eu é que a tudo enfaixo,
Sendo a Divina Essência, Me Revelo também Criação,
E Respiro na Minha Obra, sendo o Todo e a Fração.

Estou em vossas profundezas, sempre a vos Manter,
Pois Sou a vossa Existência, a vossa Razão de Ser,
E Falo no vosso íntimo, e também no vosso exterior,
Estou no cérebro e no coração, porque Sou o Senhor.

Vinde pois a Meu Templo, retornai portanto a Mim,
Estou em vós e no Infinito, Sou Princípio e Sou Fim,
De Minha Mente sois filhos, vós sereis sempre deuses,
E, marchando para a Verdade, ruireis as vossas cruces.

Não vos entregueis a mistérios, enigmas e rituais,
Eu quero Verdade e Virtude, nada de “ismos” que tais,
Que de Mim partem as Leis, e, quando Nelas crescerdes,
Em Meus Fatos crescereis, para Minhas Glórias terdes.

Eu não Venho e não Vou, Eu sou o Eterno e o Presente,
Sempre Fui e Serei, em vós, a Essência Divina Patente,
A vossa presença é em Mim, e Quero-a plena e crescida,
Acima de simulacros, glorificando em Mim a Eterna Vida.

Abandonando os atrasados e mórbidos encaminhamentos,
Que lembram tempos idólatras e paganismos poeirentos,
Buscai a Mim no Templo Interior, em Virtude e Verdade,
E unidos a Mim tereis, em Mim, a Glória e a Liberdade.

Sempre Fui, Sou e Serei em vós a Fonte de Clemência,
Aguardando a vossa Santidade, na Integral Consciência,
Pois não quero formas e babugens, mas filhos conscientes,
Filhos colaboradores Meus, pela União de Nossas Mentes.

ÍNDICE

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA	7
PREÂMBULO	9
CAPÍTULO I	17
CAPÍTULO II	25
CAPÍTULO III	29
CAPÍTULO IV	33
CAPÍTULO V	37
CAPÍTULO VI	45
CAPÍTULO VII	53
CAPÍTULO VIII	59
CAPÍTULO IX	75
CAPÍTULO X	85
CAPÍTULO XI	95
CAPÍTULO XII	103
CAPÍTULO XIII	109

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

O autor mediúnico desta obra, Osvaldo Polidoro, considerando as incertezas, sempre existentes, sobre a hora de regresso à pátria espiritual, distribuiu os originais de suas obras, ainda não publicadas, a instituições e pessoas, cabendo a esta Federação um certo número deles; firmou-se um contrato, comprometendo-se esta Casa a publicar essas obras, após a necessária revisão e numa seriação que ficaria a seu próprio critério.

Lançando agora este primeiro livro — Lei, Graça e Verdade — inicia ela a série das publicações prometidas e a revisão feita, em quase nada modificou o texto primitivo.

Conquanto não seja editora de obras doutrinárias, salvo aquelas de que se utiliza em suas próprias Escolas e Cursos, esta Federação aceitou o compromisso para facilitar a divulgação das obras deste Autor, cuja operosidade e boa vontade são notáveis, mas, sobretudo pelo fato de versarem elas sobre aspectos de natureza mediúnica apresentados de forma simples, agradável e acessíveis a todos e cujo conhecimento será, certamente, de alto interesse para a propagação da Verdade espiritual.

São Paulo, março de 1957.

Cte. Edgard Armond
Secretário Geral

PREÂMBULO

Sedento por conhecer a Verdade, o discípulo procurou ler, ouvir, dando-se também a perscrutar os fenômenos, a fim de lhes penetrar as causas, e, pelas causas, descobrir a Suprema Causa.

Ouvira dizer, entretanto, que é na vastidão dos complexos que a Divina Simplicidade se revela; que é através da multiplicidade que Ela se patenteia. Chegou a compreender, realmente, que a Criação é Deus em estado dinâmico, bem como a Plenitude Divina é a Criação em estado estático.

Foi-lhe fácil, portanto, compreender o interior e o exterior, a causa e o efeito, na simplicidade infinita da Unidade Fundamental. Apoderou-se, assim, do Conhecimento em síntese. Estava com a Chave da Verdade, segundo o modo de dizer dos antigos Grandes Iniciados.

Encarou o mundo das manifestações em geral, multiplicando o saber de que dispunha, somando as parcelas das Verdades de que era senhor; e viu que os homens se perdiam nas teias envolventes da dispersão. Tudo quanto agora percebera, à custa de poucos esforços, em outras circunstâncias, nem mesmo através de grandes sacrifícios fôra possível, em virtude das múltiplas divergências, que tinham por base, quase sempre, os mais rampeiros e subalternos egoísmos.

Esforçando-se em extremo, viveu no mundo, auscultou os homens, suspirou pela solução final, ciente e consciente de que haveria um modo para fazê-lo. Mas, infelizmente, se não esbarrou na falta de Unidade Fundamental, compreendeu o desperdício dos melhores esforços, diante da mesquinhez humana. Viu a ignorância a produzir egoísmos, vaidades, invejas, despeitos, revoltas, crimes...

E voltou a terra de nascimento, ao ponto de partida, cabisbaixo e triste, pensando serem inúteis todos os esforços envidados ou por envidar. Estava o homem assim tanto à margem de Deus, a ponto de se colocar em situação de tamanha tortura, sem ter como poder encontrar o Caminho da Verdade? Seria isso possível?

Atravessou dias, semanas e meses, tomado de profunda consternação. As dores e os erros do mundo faziam-lhe pena e martírio. Seu coração estava comprimido, sua alma alterada, seu pensamento parecia estar sepultado debaixo da mortalha final. Já não era o discípulo da Verdade a se julgar prostrado; ele já se havia alçado aos páramos do homem-universal, já era a Humanidade mergulhada na vala dos martírios sem apelação, perdida na vastidão do Cosmo, esquecida de Deus!

Contrito, erguendo a cabeça, uma noite, observou as estrelas que brilhavam nas profundezas do espaço azul-veludo. Em face da majestade da natureza, do Cosmo soberbo de vida e de ordem, resumindo leis e graças, o discípulo meteu-se a pensar e a desejar, a sofrer e a mortificar-se de novo.

Por que, indagava-se ele, só o homem não acerta os passos conforme a Ordem Divina? Se existem legiões infindáveis de mundos e todos se enquadram na Suprema Autoridade, por que o homem é rebelde e vive mal, contraria a Lei e responde pelos crimes que comete? Por que não se encontra? Por que não se harmoniza?

Subiu a montanha íngreme de conformidade com as combalidas pernas. Daquela altura formidável, melhor podia ver e sondar a vastidão dos horizontes terrestres e a colossal amplidão dos espaços recamados de mundos lucilantes.

Em êxtase, frente ao Macrocosmo e a sua pungentíssima dor de alma, elevou a Deus uma oração, gemeu em surdina a tremenda angústia que lhe minava em extremo os últimos resquícios de esperança.

Seus olhos fizeram-se fontes de cálidas lágrimas.

Sua boca nem mais podia murmurar palavras.

Seu pensamento rogava a Deus que o retirasse do mundo.

Seu coração era uma ferida sangrenta.

Adormeceu, acreditando que acordaria longe, nos espaços interstelares, onde sabia habitarem os espíritos Verdadeiros, sábios e amantes. E contaria aos amigos e companheiros, da maneira como pensara trabalhar pela melhora do mundo, e como vira truncado seus melhores desejos e poderes, em vista da tremenda aversão dos homens para com as glórias celestiais, glórias celestiais que eles, os maldosos, em si próprios possuíam, bastando que se dessem a conhecê-las e a fazê-las desabrochar.

Como, porém, Deus contém todo o Poder e toda a Vontade, englobando no Absoluto a quanto relativismo possa ser ou não imaginado, eis que o discípulo, em plena consciência, conquanto mergulhado em sono, passa a ver o espaço pintalgado de mundos, vibrante de esplendor e estuante de ordem.

Sentiu tremendo arrepio, diante do fantástico acontecimento!

Quis abrir os olhos e não conseguiu.

Procurou falar e não pôde.

Sentiu que devia agradecer a Deus, porque estava no limiar da mais grata das conquistas espirituais; via com os olhos da alma, estava em sintonia com os Poderes Superiores. Como bom servo, ali estava ao dispor do Supremo Senhor.

Dentre as estrelas que coalhavam a amplidão azul-veludo, uma houve que começou a crescer, a se movimentar, aproximando-se aos poucos. O discípulo, conhecendo a tremenda possibilidade dos espíritos unidos à Unidade Divina, com revigorada lucidez pensou e sentiu que a ele vinha ter um grande Mensageiro. Fremiu de esperança e gozo, nas profundezas de si mesmo, onde sentia que se havia elevado, tornado mais extenso e intenso, mais vibrante e penetrante.

A estrela, entretanto, vinha na sua direção. Era uma estrela imensa, feita de muitas cores e de matizes de ultracores. Se ele, o discípulo, tivesse de descrevê-la, por certo nunca o faria. Se tivesse de relatar o sentimento do gozo que ela lhe transmitia, jamais poderia consegui-lo. Mas, para si, ele sabia e sentia o Poder e a Glória daquele grande Mensageiro.

Era um imediato, vinha em função instrutiva, estava revelando a Unidade Divina. O discípulo aprendera, com os tempos e as vidas, que as grandes almas são as que conseguem exercer altos poderes da infinita ubiquidade; que, assim sendo, se tornam em extremo extensas e intensas, alcançando longitudes inenarráveis em linguagem humana. Sim, ele sabia e sentia, para si, que a Verdade vinha a ele através de um imediato, de alguém que estava, por evolução, ligado a Deus. Podia, em virtude dessa celestial extensão vibratória, conhecer e transmitir a Verdade, sentindo-a em si mesmo, em suas mais íntimas palpitações.

Ao se aproximar, observou que a estrela se fez um homem brilhante, cheio de muitas luzes e de muitas cores, todo feito de alegria, de sonoridade e de graças espirituais.

Quando se achou mais perto, diminuindo o seu tremendo fulgor espiritual, ouviu o discípulo que o Mensageiro lhe falava, com voz musical e potente:

— Vem!

— Eu?! Como poderei arrastar o meu corpo?! — respondeu assustado.

— Vem! — tornou a dizer o Mensageiro, atraindo-o a si.

Viu-se então junto ao Mensageiro e não se conteve que não murmurasse:

— Quanta graça de Deus a ser conhecida e amada! Não sei por que motivo, aos homens não apraz aquilo que é tudo, porque é o próprio Céu...

O Mensageiro acrescentou, interrompendo-o:

— Que é encontrar-se com o Pai, na intimidade do Filho, para a celebração da eterna festa; que é construir a iluminação no templo interior, para jamais nele faltar a própria Luz Divina. Porque nós, os Filhos, temos que, um dia, atravessando a jornada evolutiva, integrar-nos no Pai. E como o Pai é Infinito em todos os sentidos, certamente viremos a tomar parte na Sua infinidade. Passaremos, pois, a refletir o Pai e Suas glórias incontáveis. Seremos então, Autoridade e Poder. E diremos, com razão e justiça, que possuímos a Doutrina que é do Pai, que é Fundamental, que pode explicar todos os fenômenos, porque contém todas as leis.

O Mensageiro exteriorizou a Verdade que já havia em si desabrochado, motivo de sua união com Deus, a Divina Essência.

O discípulo fitou-o com inteligência e amor, compreendendo que ele irradiava, com vigorosa intensidade, as bases da Excelsa Doutrina, da Doutrina que não é do homem nem das religiões, porque é de si mesma, sendo igual para com a parte e para com o Todo, estando por isso mesmo ao dispor de quem lhe deseje a posse e o cultivo. Seus dardos de Luz bradavam continuamente:

“Deus é a Essência Divina, assim o dizemos, porque não há palavra que possa defini-Lo. Está no Infinito exterior, como nos fundamentos interiores de tudo. É Luz, é Vida, é Amor, é Sabedoria, é tudo em sentido total ou Infinito.

Sua manifestação dizemos ser a Criação, composta de Espírito e Matéria, cujos graus e matizes de graus se desdobram ao Infinito.

A função da Matéria é, resumindo, servir ao Espírito.

O Espírito é uma centelha ou partícula, que no curso da evolução, através das vidas e dos elementos, organiza o seu caráter. Desabrocha os valores, manifesta os poderes, descobre-se a si mesmo, une-se ao Pai, conquista Sua Divina Ubiquidade.

A evolução, numa palavra, é a exposição dos valores potenciais.

O Espírito é imortal, é responsável, é evolutível, é comunicável, é migrável, é reencarnável, e seu livre arbítrio pertence ao Arbítrio Absoluto, razão por que é relativo.

O Céu está no seu íntimo, porque Ele é Deus, porque Deus é o Seu Fundamento. Enquanto não crescer na intimidade, jamais as regiões gloriosas lhe serão acessíveis.

Os caminhos do Céu são o Verdadeiro Amor e a Verdadeira Ciência. Porque esses caminhos levam, naturalmente, ao conhecimento da Primeira Essência, que é Deus, que contém o Absoluto e o Infinito em Si mesmo.

O Espírito consciente não é aquele que sabe, apenas, essas Verdades; é aquele que as vive, e vive-as porque lavrou a sua união.”

O discípulo, cheio de gosto, exclamou:

— Quanto vos agradeço, bondoso Mensageiro! Teus reflexos externam a Luz Divina e a Luz Divina constitui a própria Verdade!

O Mensageiro falou-lhe com infinita doçura:

— Não te mortifiques por causa dos erros humanos, por dois motivos básicos: um é o fato de todos termos errado, visto que a escalada é de baixo para cima, é do embrião para a perfeição, onde se chocam os mais contraditórios fatores, pondo em jogo os valores potenciais, a fim de que sejam desenvolvidos e postos em evidência. O outro motivo, deves sabê-lo, é a responsabilidade do indivíduo. Deus conferiu-lhe todos os valores, em potencial, e deu-lhe o universo exterior e a relativa liberdade, para se movimentar e crescer. A Lei a tudo preside, registrando todos os efeitos, integralmente, sejam positivos ou negativos. É o carma, é a registoção íntima. A Justiça, por sua vez, é o instrumento distribuidor de recompensas. Nada lhe escapa, no curso dos tempos e das vidas. Quem quiser, de maneira simples e sintética, observar o funcionamento do Poder Básico, misto de Lei e de Justiça, repare nas tremendas divergências situacionais e condicionais a que se acham subordinados os indivíduos.

O discípulo anuiu, aproveitando o lapso havido:

— Realmente, bondoso Mensageiro, as tremendas divergências de situação e de condição, entre os indivíduos, se não provassem as leis de causa e efeito, ou de responsabilidade, provariam que em Deus há erro por isenção de Justiça. Entretanto, como testemunham a presença da Lei e a vigência da Justiça, tudo se acomoda e sustenta.

O Mensageiro aduziu:

— Por isso é que venho, para dizer-te: não te mortifiques, trabalhe, antes, porque a luta na intimidade dos indivíduos é necessária. Antes de selecionar no exterior, cumpre fazê-lo no íntimo. Antes de julgar, mais convém cooperar. Isso que tens visto no todo humano, e que te custa tormentas e terríveis presságios, nada mais é do que a soma dos movimentos individuais e íntimos, no rumo da edificação, do aperfeiçoamento final.

Contrito, o discípulo murmurou:

— Quanta negligência, no entanto, vinga na seara humana! Eis o que lamento, eis o que mortifica a minha alma!

O Mensageiro respondeu, sereno e plácido:

— Quanta Lei e quanta Justiça, para que ninguém fique sem o devido salário. Já viste o que vai pelos mundos, onde outras legiões de Humanidades também lutam na intimidade, para atingir a perfeição, revelando, portanto, estados caóticos nas esferas coletivas? O mais Uno com o Pai, que foi Jesus, não deu de Si o exemplo de trabalho, de luta, de vitória através do sacrifício?

— Deus, — respondeu o discípulo.

— E não afirmou para todos efeitos, que ninguém vai ao Pai, isto é, à Unidade, sem ser pelo caminho por Ele exemplificado? Ou julgas que exista, em Deus, lugar para precedências de favor ou de prevenções?

Falou o discípulo, justificando seus melhores propósitos:

— Grande Mensageiro, eu sei que em Deus há plenitude de Lei e de Justiça. E que, por isso mesmo, igual é Deus para com todos e todos são iguais para com Deus, em base de Lei e de Justiça. Reconheço e respeito que as diferentes condições e situações, individuais ou coletivas, sejam o produto das variações hierárquicas e dos reflexos acionais. Pesa-me, no entanto, ver tanto erro acumulado e tantas dores sofridas pela Humanidade, sem ao menos haver, por parte da Humanidade, um pouco de boa vontade para com a

Verdade, algum resquício de respeito para com a Divina Programação. Observo, bondoso Mensageiro, que todas as formas de fortuna são mal empregadas, vindo mais tarde os errados berrar blasfêmias contra Deus, em lugar de se culpar. Tudo isto, grande Mensageiro, não seria sanável, ou pelo menos remediável, com alguma ajuda celestial?

O Mensageiro encarou o discípulo com Verdadeira piedade, sentenciando:

— Virei a ti, homem de sofrimento, tantas quantas vezes sejam necessárias. E tu virás a mim, neste monte, longe dos ruídos mundanos, tantas vezes quantas te movam a melhor boa vontade. Hei de mostrar-te, em resumo, tudo quanto há de sábio e amoroso nas Doutrinas Reveladas, aí na Terra, para que não julgues haver acaso, faltas e lapsos em Deus e nos Seus imediatos, que são os Diretores Planetários, os intermediários entre o Poder Supremo e as Humanidades em marcha evolutiva, em processo de autofazimento.

O discípulo ia falar, aceitando a celestial oferta, quando o grande Mensageiro desapareceu, deixando-lhe nas mãos um foco de sua Luz, da Luz Divina que ele já podia refletir, pela evolução alcançada. Com o foco nas mãos, olhou para baixo e viu o seu corpo, estirado sobre a laje. Estava imaginando o que fazer, principalmente por estarem as mãos ocupadas com o foco, quando sentiu que o corpo se esforçava para atraí-lo. Cedeu, pois, havendo acordado. Ao estar totalmente em si, tinha as mãos em concha, como que aguardando que o Céu lhe mandasse algo. Ficou a meditar, até que passou a derramar cálidas lágrimas de contentamento. Sentado que estava, colocou a cabeça sobre as mãos, vertendo suas lágrimas de gratidão.

CAPÍTULO I

Subiu o discípulo ao monte, dias depois, possuído pelo desejo de reencontrar o grande Mensageiro. Sua alma fremia de gozo e expectativa, refletindo-se em sua coração, que pulsava desordenado, e no seu pensamento, que vivia nos páramos de anseio incontido.

Todo ele, Verdadeiramente, estava em rebuliço emocional.

Ao topar o cimo do monte, repontava no Oriente a lua em crescente. Havia paz e quietude nos ares; havia mundos faiscantes nas alturas; havia estremecimentos na alma do discípulo. Preso de comoção, por se achar no local onde pela primeira vez tivera a sua grande visão, sentiu-se ele oprimido, acanhado e submisso.

— Meu Deus, — bramiu, — eu não sei se Te mereço! Perdoa, Senhor, se eu estiver errado, a minha ousadia... Mas, Deus meu, Tuas Verdades me encantam e dominam.

Sentou-se, recostou-se numa rocha e orou. Aos poucos a escuridão cedeu, seus olhos espirituais começaram a ver e sua emoção cresceu. Estava em face da imensidão, tinha diante de si o espaço repleto de mundos lucilantes.

Dentro de si, havia uma interrogativa ansiosa:

— Onde estás, grande Mensageiro?!

E rebuscava com seu olhar espiritual, a estrela que devia ser o Mensageiro sublime, mas nada via vindo do alto.

— Aqui estou! — disse-lhe alguém, ao lado.

O discípulo olhou e viu um homem simples, comum, sem luzes e sem cores, sem a gloriosa presença do grande Mensageiro.

— Onde está o Mensageiro? — perguntou.

— Aqui. Sou eu mesmo. — respondeu-lhe o espírito, com serenidade.

Diante de mal disfarçada decepção do discípulo, voltou o espírito:

— Acaso não me queres?

— Aquele era brilhante, glorioso, musical...

Feito à imagem da bondade, replicou-lhe o novo Mensageiro:

— Como queres crescer, sem auxiliar? Pensas mais em ti mesmo do que nos outros. Não percebes que devo trabalhar, para crescer também? Ou é falso que tens sofrido pelos erros e pelas dores do mundo?

— Que me podes oferecer? Pareces um homem vulgar, um espírito sem Luz!

Sorriu o espírito, elucidando:

— Que importa a ti o meu brilho, se não me é possível reparti-lo contigo? O de que tens necessidade, lembra-te é de Conhecimento e de Trabalho. A Luz nunca é mais do que o reflexo das realizações íntimas; e as realizações íntimas representam o Conhecimento do trabalho, vivido. Se me queres brilhante, procura brilhar também. É impossível que o faças, porém, sem respeitar nos outros a necessidade de esforços colaboradores. Se me deres a oportunidade de ensinar, dar-te-ei a de conhecer, e teremos feito uma obra digna de irmãos; isto é, digna de filhos de Deus. Porque aquele que não respeita, nas suas necessidades, a necessidade alheia, não procede como bom filho de Deus.

O discípulo passou a fitá-lo com redobrada observação e respeito, sem dizer o que quer que fosse. Compreendeu que o novo Mensageiro o apanhava em cheio, através de seus próprios interesses e desejos, proposições e necessidades. Percebeu, enfim, que a retorta da vida o cercava de obrigações, na proporção direta em que se julgava referto de direitos.

— Pensas bem! — exclamou o novo Mensageiro.

— Penso, — confessou o discípulo, — que depois de tanto viver e aprender algumas Verdades, das inumeráveis que perfazem a Verdade Integral, ainda me resta aprender muita coisa...

— Venha comigo. — disse-lhe o Mensageiro.

— Onde iremos?

O Mensageiro abanou a cabeça, observando:

— Pergunta menos e age mais. Se, porém, desconfias de mim, fica.

O discípulo calou e seguiu-o. Foram ter a uma região astral, nas proximidades da crosta, e num salão imenso, cheio de cadeiras ocupadas. Havia ruídos, conversas, etc.

— Um salão de conferências? — perguntou o discípulo.

— Religiosas. Apenas religiosas. — respondeu o Mensageiro.

— Qual a religião desta gente?

O Mensageiro explicou:

— Saiba, desde já, que ninguém aqui tem uma Religião ou pertence a uma seita, como acontece no mundo carnal. Somos todos grandes desiludidos religiosos, desejosos de acertar os passos... Viemos do mundo cheios de formalismos, carregados de títulos e de honrarias, escravos de rituais e de sacramentos... Porém vazios de Verdade, desprovidos de Amor e de Ciência. É por isso que estamos estagiando por aqui, nesta escola da Verdade. Estamos, realmente, fazendo um curso de limpeza intelecto-moral, de acento profundamente religioso.

— Entendo...

O Mensageiro prosseguiu:

— Trate de fazer ideias e obras, antes que seja tarde. Ninguém reencarna para fazer blague com o programa evolutivo, mas é certo que dá em fazer, encontrando o fracasso ao findar a jornada. Consoante já lhe disse, nesta colônia vivem e se refazem milhares de titulados do mundo religioso. O Céu não andou pelas concepções que esposamos, não validou nossas hierarquias postizas, deixou de parte a nossa bagagem de pompas exteriores.

— Compreendo...

O Mensageiro não lhe deu atenção:

— Nós fizemos confusão entre os valores potenciais e as formas rituais; demos atenção e trabalho aos rigores do protocolo, servimos à liturgia, encaramos com respeito a hierarquia. Não estivemos tratando da alma à custa de empregar os bens do mundo material, de fazê-los servir, de eliminar a ignorância e as muitas outras misérias da Humanidade. Pelo contrário, criamos o formalismo e a ele entregamo-nos, obrigando a isso todos quantos vinham a nós. E muitas vezes, em muitos casos, a peso de vida e morte! Enquanto Deus, que é infinitamente íntimo, quer de nós o conhecimento das leis e a prática do bem entre irmãos, que temos feito?

— Quanta grandeza nos Profetas hebreus!... — lembrou o discípulo.

— Sim, — anuiu o Mensageiro, — eles foram sempre partidários da iluminação interior! Não davam importância aos engodos da idolatria, condenavam os salamaleques rituais, reprovavam tudo quanto era postigo. Entretanto, bem o sabemos, o clero levita, organizado à base de formalismos e de comércio, deu-lhes sempre muitas e várias preocupações, inclusive martírios e mortes! Ao tempo em que viveu o Portador da Graça, apenas restavam dos Profetas poucos Cenáculos, nas fronteiras do Egito e beirando o Mar Morto. Realmente, como temos aqui aprendido, a Escola Essênica tinha dois pontos fundamentais de ordem religiosa: o Amor e a Ciência, empregando a Revelação como instrumento de pesquisas espirituais.

— Falou em ter aprendido aqui: refere-se a esta casa?

— Sim; a esta escola da Verdade. Aqui vêm pregar missionários de outras esferas, e o fazem à margem de sectarismos. Procuramos em Deus o que é nosso e em nós o que é de Deus. Tudo, portanto, à base de conhecimentos e práticas, sem o menor intento de adulações repugnantes. Deus, aqui, deve ser amado em Suas leis e realidades fundamentais. E nós devemos, uns aos outros, a maior soma de colaboração sincera. Apenas colaboração sincera. Assim como não podemos ser realmente úteis através de paliativos e atitudes postiças ou fingidas, assim também não podemos amar a Deus à custa de formalismos pagãos, de gestos e curvações grotescos. Repare que as paredes estão decoradas com flores e que ninguém está fantasiado de religioso. O exterior, aqui, nunca é usado para encobrir as misérias interiores, assim como usávamos no mundo... Sim, estamos aprendendo a ser sinceros, reais; porque fora disso não é possível atingir a elevação espiritual.

Enquanto falava chegavam dois seres. Ele explicou:

— São os dois expositores de hoje. Antes que comecem a falar, quero rematar a minha assertiva. Como lhe dizia, quem pratica fantasias no mundo, e pensa com isso estar certo, ao se passar para estes lados fica apenas com as fantasias... Os que aqui estão presentes, tiveram por prêmio as fantasias criadas e usadas, nada mais! As esferas superiores ainda não são para nós. Voltaremos ao mundo carnal, ensinando e aprendendo maiores Verdades, para merecermos melhores esferas celestiais.

— Maravilhosa Verdade! — exclamou o discípulo — Ainda bem que em Deus não prevalecem as aparências de culto, mas sim a realidade íntima!

O Mensageiro sorriu, anunciando:

— Realidade íntima! Espiritualidade realizada na intimidade individual, à custa de esforços nos domínios do Amor e da Ciência, a fim de que se consiga melhor sintonização com a Unidade Divina e se possa mais e melhor servir. Presta atenção, observa com justiça, porque tu és um dos nossos, que reencarnou para ensinar e aprender como se ama a Deus em Espírito e Verdade.

— Eu sei desta colônia de aprendizes?!...

— Simplesmente... Calemo-nos, que o pregador vai ser apresentado.

Subiu um dos dois à tribuna, anunciando:

— Recomeçaremos hoje, conforme fora anunciado, o programa instrutivo. Sabeis que estamos apresentando as lições que foram enviadas ao mundo carnal, através de Grandes Missionários. A finalidade é, já o dissemos, fazer lembrar, em resumo, as Verdades reveladas aos homens. Embora situando seus Aautos no mapa das eras, dos ciclos, dos tempos e dos diferentes povos, teremos de respeitar a Verdade Única, que serviu de Luz e de Caminho a todos os Grandes Mestres que Deus enviou, marcando a longa estrada humana através dos tempos.

Olhou compassivamente para os presentes, salientando:

— Tendes procurado Deus no exterior, e muitas vezes para efeito de comércio e sustentáculo de privilégios mundanos. Para isso, foram inventados instrumentos de ordem material e idólatras, meios de encenar o erro, a fim de fazê-lo passar como se fosse a própria Verdade. Se estais aqui, porque os vossos erros não foram tão grandes, outros há que estão em melhores condições, assim como milhares de outros fazem estágios nas trevas exteriores, purgando faltas e crimes tremendos. É de bom alvitre, portanto, que se façam seleções criteriosas, na rebusca da Verdade, a fim de que, em seu nome, não se oficialize a mentira e o logro. Porque, verdadeiramente, quem erra para si mesmo comete tremenda falta, ao passo que, fazer errar a terceiros, quanto maior crime não significa?

Fez nova pausa, amenizou a voz e, em tom confidencial, concluiu:

— Vamos ouvir o primeiro expositor da recapitulação; e leve-mos em mente, que há muito erro em se afirmar que todas as religiões são boas, porque contêm o germe da Verdade. Tal afirmativa oficializa a mentira e o logro em nome da Verdade, chegando ao extremo ridículo de impô-lo à custa de coações várias, até mesmo de martírios físicos, como no caso da Inquisição e outros. Demais, tomando por base Jesus Cristo, o Divino Portador da Graça, poderemos justificar o seu martírio, pelo fato de ter sido levado a termo pela Igreja do Seu tempo, de Sua nação e de Sua Pátria?

O assessor terminou ali, naquela fria e irretorquível pergunta. Desceu da tribuna e deu lugar ao expositor do dia. Este subiu com dois livros debaixo do braço. Ao estar a postos, relanceou o olhar e saudou a todos com palavras fraternais, como se tivesse falando a íntimos.

A seguir, repetiu:

— Para nós, que temos errado em Doutrina Religiosa, nada mais justo que estudar as consecutivas Revelações. Isto, irmãos, para não pretendermos justificar os nossos erros, alegando a falta de melhores instruções da parte de Deus. Porque sabemos, por nós mesmos, que temos fechado os ouvidos aos Grandes Mestres, para fazermos da Verdade o motivo de nossas especulações menos respeitáveis. O cetro que devia servir apenas para conhecer e amar a Deus, servindo-O pelas obras de Amor e de Ciência, tem sido usado para estabelecer, garantir e impor o erro e a idolatria, o paganismo e a exploração da ignorância!

Apanhou o livro, um grosso volume, começando a ler; eram citações em torno dos primórdios da Humanidade, quando os homens deviam ser fatalmente medrosos, supersticiosos, idólatras, fetichistas, etc. Afirmando datar a comunicabilidade dos espíritos desde remotíssimos tempos, afirmou que os mesmos espíritos não podiam falar e ensinar, sem ser aquilo que os homens de então pudessem compreender. Como aconteceu com Jesus, que tinha muito mais a dizer, mas não disse, porque as inteligências ainda não poderiam assimilar tais ensinamentos.

Depois de ler e historiar as primeiras etapas do homem sobre a Terra, expondo os possíveis conceitos sobre Deus, o Amor e a Ciência, em conformidade com a sua natural inferioridade, enca-minhou as atenções para os Vedas, que o autor do livro dizia serem os primeiros reveladores com radicais caracteres de organização.

Antes, afirmou, tudo eram Verdades bisonhas, medíocres, isentas de caráter universal, sem o mais leve resquício de organização doutrinária. Segundo narrativas antiquíssimas, empolgavam as primeiras mulheres sacerdotisas e os primeiros feiticeiros ou fanáticos, crentes em pedras, em árvores, em animais, em astros, em espíritos familiares de baixíssimo teor espiritual, etc.

Com os Vedas, segundo o autor do livro, vieram os primeiros iluminados e fizeram obra de acendrada organização doutrinária. Em linhas gerais ressaltou as lições védicas, observando a grandeza doutrinária, o Divino Monismo exposto, mas em sentido esotérico, de portas fechadas. A Verdade era para poucos... O grande número ficava entregue aos desmandos da idolatria, do paganismo e das explorações de variada ordem.

Avançou pelo Budismo, fazendo referências a dezenas de Budas, que se sucederam no curso dos milênios, restaurando a Doutrina e avançando conforme as possibilidades do tempo. Tiveram sempre a Unidade Divina por base; a Lei por juiz; a Justiça por execução; o Amor e a Ciência como instrumento de libertação total; e a Revelação como órgão instrutivo. Tudo, porém, em caráter de ocultismo, para que as criaturas menos conscientes não fizessem mau uso do que merecia todo o respeito imaginável.

Fez entender que Enoque, o Maior Patriarca dos povos hebreus primitivos, tendo viajado pela Índia a mando espiritual, trouxe de lá o primitivo essenismo, ou vedismo, fundando a Ordem dos Essênios, ou Escola de Profetas de Israel, como veio a se chamar mais tarde. Escolhiam, através de estudos e severíssimas observações, os que deviam ser os profetas. Estes deviam portar-se da melhor maneira, fossem casados ou solteiros, a fim de serem dignos das melhores e mais perfeitas mensagens espirituais. Lembrou o Velho Testamento, cheio de repetidas referências a respeito, isto é, repleto de mensagens espirituais, através de elementos nazireus ou escolhidos. Não raro, disse, os pais recebiam mensagens referentes aos futuros nascituros, razão pela qual, desde o ventre materno, já se destinavam ao ministério da Revelação. Tudo, porém, em caráter reservado ou de portas fechadas. A Ordem Essênica foi sempre a mais rigorosa em matéria de sigilo a ser mantido.

Depois de falar em alguns nomes de vanguarda, cujos feitos se acham nos livros do Antigo Testamento, deu a exposição da noite por encerrada.

Foi então que o discípulo reparou o quanto era elevado o número de encarnados ali presentes, conduzidos por Mensageiros espirituais. E viu que alguns estavam mal, fracos e incapazes, por causa de transvios na vida de encarnados...

— Deus, — explicou o Mensageiro, — cumpre a Sua parte, coloca-os defronte ao ensino necessário. Se vão corresponder ou não, isso é com eles. Demais, sabemos que sempre existirão fracassos, que não são poucos os que se deixam envolver pelos interesses do reino mundano.

E momentos depois, não foi sem algum sobressalto a lhe surpreender a alma, que o discípulo deu acordo de si, ali onde houvera deixado o corpo, recostado numa rocha, nas alturas de um monte e no seio estuante da noite esplêndida. Por isso volveu-se a Deus pela oração ensinada pelo Cristo, pedindo que fosse liberto das tentações.

CAPÍTULO II

Noitês após, quando sua alma ansiava o feliz reencontro, dirigiu-se ao monte. Antes de fazer a oração invocativa, sentado numa pedra, passou os olhos na planície, imaginou as casas e as gentes, meditou nas características religiosas do povo e considerou as vantagens da Revelação. Ele já havia lido bastante, pelo que lhe entristecia a alma ver a maneira como os credos e seus senhores lidavam com o povo, com os filhos de Deus, seus irmãos, ou com muita conversa ou através de cerimoniais pagãos e à base de comércio.

Rememorou as lições lidas, e as palavras do expositor, compreendendo que nos fundamentos de todas as Grandes Revelações estava a Revelação, o contato com o mundo espiritual; e sofreu muito ao reconhecer, no presente, a cegueira das gentes, a ignorância dos senhores proprietários de religião e a mercancia que imperava em tudo. Seria bom, imaginou, tornar os homens todos conhecedores, a fim de que todos tivessem gosto em subir ao monte, invocar o Criador e receber instruções de um espírito capaz e eficiente. Quem sabe, até mesmo de algum mais alto Mensageiro, um ser brilhante e glorioso, como aquele primeiro que viera em socorro de suas aflições de alma.

Estava assim pensando, quando sentiu um tremor na cabeça, assim como se fossem cargas elétricas a lhe ressoarem por longe, deixando a sensação de suave toque, de cariciosa visita.

Sentado que estava, acomodou-se ainda mais, até ficar bem; quando achou que poderia ficar ali, naquela posição por muito tempo, cerrou os olhos e iniciou a sua oração, clamando pela graça do auspicioso contato. Aos poucos, foi-se abrindo sua visão espiritual, teve pela frente o segundo Mensageiro, não o primeiro brilhante, mas aquele que necessitava trabalhar.

— Vamos, — disse-lhe o Mensageiro, — que estou muito satisfeito contigo.

— Por que? — Perguntou-lhe o discípulo.

— Porque tens pensado muito bem, desejando a Luz da Verdade para todos os filhos de Deus... E mais ainda, porque pretendes encontrar um meio para fazê-lo. Desejar é boa obra, mas executar é o que mais convém.

Quando o discípulo percebeu, já estava no amplo salão de estudos. Notando, entretanto, que o salão estava quase vazio, perguntou:

— Hoje seremos reduzidos assim?

O Mensageiro fitou-o com inteligência, propondo:

— Não ficaremos reduzidos assim. Todavia, procura ver e compreender da melhor maneira.

Viu o discípulo, então, que outros Mensageiros traziam outros discípulos, estando alguns deles em estado deplorável, dormindo alguns, gemendo outros, brigando ainda outros, etc.

— É lastimável! — balbuciou em surdina.

O Mensageiro falou-lhe, com acento observador:

— Há muitos modos de semear nas almas as boas sementes da programação libertadora... E muitas sementes, assim como diz a parábola do Divino Portador da Graça, caem em terras sáfaras e estéreis, além de outras que caem de uma vez sobre as rochas escaldantes...

— Não seria oportuno esclarecê-los? — interpôs o discípulo, sem pensar.

O Mensageiro emitiu um triste sorriso, perguntando:

— E não estão sendo esclarecidos?

— Terão lembranças, ao voltarem aos respectivos corpos, uma vez que se encontram, alguns deles, em estado deplorável?

O Mensageiro esclareceu:

— Para nós o problema é simples, uma vez que cumprimos o devido, fornecendo instruções, recordações, advertências, etc. Para vocês é complexo, porquanto as vossas lembranças se encontram adormecidas, ofertando oportunidades de faltas, de corrupções, de fracassos vários. Deve saber que muitos elementos, na vida carnal, vivem reconhecendo teoricamente as Verdades espirituais, enquanto vivem praticamente o mais desenvolvido programa animal e material. Não correspondem, por motivos diferentes, porque o grande motivo perdeu intensidade; mergulhando nos domínios carnis, com os seus inúmeros alçapões,

olvidaram as regras do Céu e as mais comezinhas observâncias espirituais. Em linhas gerais, é isso, apenas isso.

— Que sucederá, aos que não se derem à renovação?

O Mensageiro encolheu de leve os ombros, murmurando:

— Ainda em linhas gerais, pagarão pelas faltas e terão que enfrentar novas e mais difíceis situações expiatórias e de provas. A dor entra, é natural, quando o Amor e a Ciência se ausentam... Sim, cumpre observar esta Verdade básica: trabalho não é dor e nem sacrifício. Se por muitos milênios foram tecidos os mais rasgados elogios à dor, vindo o homem a engendrar adulações a Deus por temê-la, e a temer a Deus pelo fato de furtar-se à dor, devemos dizer que essa hora cíclica está para findar. A libertação vem pelas práticas amoráveis e sábias, nunca por outros meios, sendo a dor apenas um argumento de força, atraído pelas várias formas de negligência. Quando o Cristo recomendou amar a Deus com toda a força do coração e de toda a inteligência, nada mais fez do que ensinar a dispensar a dor. Ao contrário, porém, as falsas concepções religiosas, ou mesmo a covardia moral dos homens, tudo fizeram para derrubar o Amor e a Ciência do seu posto fundamental, entregando à dor, ou corretivo passageiro, aquele posto.

E querendo especificar o exemplo, emendou:

— Repare no seu caso, em confronto com alguns outros, esses que aí estão, Verdadeiros casos de fracasso, descambos e entrevamentos. Você, que se apegas aos devidos compromissos, vai ao encontro do Amor e da Ciência, para servir, em base de trabalho eficiente, com isso fugindo aos tentáculos da dor. Esses que aí estão, dando provas de serem maus emissários para nós, provando serem péssimos cidadãos no mundo, são os que se afastam do Amor e da Ciência, conseqüentemente marchando em busca do sofrimento. Repito, portanto, que trabalhar não é sacrifício e a dor, por si só, a ninguém edifica. Uma coisa é ser punido pelas faltas cometidas e outra coisa é desabrochar os valores potenciais, manifiestar o Céu que trazemos nos fundamentos de nós mesmos.

— Realmente, — acrescentou o discípulo, — há um ensino búdico a esse respeito. Diz ele que o Amor e a Ciência são fatores básicos do Universo, e que o espírito, enquanto não os realizar em si, ficará sujeito à lei das reencarnações dolorosas. Isso prova, portanto, que é melhor procurar realizar em nós mesmos o Amor e a Ciência, do que viver cantando loas à dor, seja por covardia moral,

seja por atribuir a Deus erros e falhas que Ele não poderia jamais ter. O menino vagabundo, que recebe castigo pelo fato de não executar suas obrigações, não tem o direito de confundir a punição recebida com a execução da obra que ainda está por ser feita. A punição lembra o dever, mas não é a execução. Cumpre a todos jamais cair em tal estado de confusão.

Chegada a hora da segunda exposição, subiu aquele mesmo expositor à tribuna, e de lá passou a ler e a comentar. O livro era o mesmo, duplicata apenas de uma obra bastante conhecida na Terra.

Foram estudados Hermes Trismegisto e Pitágoras. Suas respectivas teologias brilharam celestialmente na palavra do verboso e lúcido expositor. Verdadeiramente, não haveria avalanches de falhas religiosas se todos os homens procurassem conhecer a torrente de Verdades que aqueles dois Grandes Mestres derramaram sobre a Humanidade.

Pena foi, sentenciou o expositor, que seus continuadores tenham posteriormente descambiado para outros rumos, engendrando clerezias corruptoras, até mesmo adulterando os textos, colocando na boca dos Grandes Mestres aquilo que eles nunca disseram e, por outro lado, tirando aquilo que eles de fato ensinaram.

Todavia, brilhou nas alturas da abóbada religiosa, mais uma vez, a grandeza e a glória daqueles dois luminares da Verdade, daqueles dois notáveis precursores do Cristo.

Falando aos encarnados ali presentes, salientou o expositor:

— Acrescentando a essas duas teologias a Graça da Revelação trazida mais tarde por Jesus Cristo, para toda a carne, teremos a medida religiosa perfeita. As Verdades básicas foram bem expostas, ficando entretanto adstritas aos poucos que entravam para o Grande Cenáculo. Não era ainda hora de serem abertas as portas do Templo da Sabedoria. Tudo ficaria em caráter esotérico, até que viesse aquele, o Cristo, cuja função missionária seria rasgar o Véu de Ísis, ou como foi feito no devido tempo — batizar em Espírito Santo! Tornar a carne toda herdeira da Graça que é a Revelação. Inolvidável foi a lição ouvida, mesmo para quem dela já tinha o devido conhecimento. Felizes aqueles que vivem a Verdade diante dos homens, porque Deus os fez reviver e brilhar nas extensões da História! Muita gente deixou o ambiente com lágrimas de contentamento nos olhos, por estarem seus corações plenos de imenso gozo espiritual.

CAPÍTULO III

A terceira lição foi retardada, pelo fato de não vir ao encontro do discípulo o Mensageiro invocado. Subindo ao monte, numa noite de lua crescente, ali ficou ele algum tempo a orar, sem ser atendido.

Como aprendera a ser vigilante, armou-se de reverência perante Deus e começou a descer a encosta. Sabia Deus, por certo, os porquês do acontecimento.

Ao entrar em sua casa, deu de frente com uma jovem desconhecida, que estava a se estrebuchar, presa de ataque. O discípulo perguntou aos pais a razão de estar ali a jovem, e com aquele mal, havendo eles respondido:

— Veio ao encontro de tua irmã, tratar de costura, e, estando a conversar conosco, deu-lhe o ataque. Temos feito cheirar vinagre, alho e outras coisas, mas o mal não se vai.

O discípulo pensou e tornou a pensar, julgando ser bom aplicar-lhe as mãos, de acordo com os ensinamentos e exemplos do Cristo. Porque, julgou, podia muito bem ser um caso espiritual. Imaginou e fez, convocando todos à oração, pois ele sabia que os seus eram religiosos, embora dogmáticos e idólatras.

Ao cabo de pouco, viu ele o Mensageiro, que agarrava um espírito pelas mãos, auxiliado por dois outros. Uma vez afastado o espírito sofredor e rebelde, a jovem retornou a consciência de si, revelando acanhamento e angústia.

— Não te mortifiques, — disse o discípulo, — que não és doente.

Ela em grande aflição revidou:

— Há seis anos que sofro deste mal... Por que não sou doente? Desfiz o noivado e procuro a cura que nunca chega!

Revelando alegria e não tristeza, revidou-lhe o discípulo:

— Vi que três Mensageiros retiravam de ti um espírito sofredor e rebelde.

— Espíritos?! — Fez a moça, todo espantada.

— Sim, espíritos. De que se admira? Nunca leu a escritura, pelo menos?

Receosa, com olhar desconfiado, a jovem afirmou:

— Meus pais são protestantes!

Sorrindo, o discípulo interpôs:

— Meus pais são católicos.

Olhando de soslaio, como a espreitar algum perigo iminente, a jovem perguntou:

— E você?...

Compenetrado, olhando-a de frente e francamente, faz ele a sua confidência:

— Procuo ser Verdadeiro... Busco a Verdade que liberta, porque tenho intenções de vir a ser cristão.

— Sem Religião?! — disse a jovem meio horrorizada.

Penalizado, explicou o discípulo.

— Para mim a Verdade é a Religião. Quanto ao mais, aprendo com os espíritos Mensageiros... Tenho subido ao monte, feito orações e visto coisas maravilhosas. Tenho deixado o corpo, tenho ido a uma assembleia de estudos, no mundo espiritual...

Percebendo o espanto que se refletia no semblante da jovem, interpelou-a:

— Por que pensas assim? Que juízos estás a engendrar?

Ela balbuciou, cismática:

— E a palavra de Deus?...

Cada vez mais triste e penalizado, explicou-lhe o jovem:

— A palavra de Deus não é a letra, não é o relato literário; é a Verdade que contém, são as leis reveladas e os exemplos vividos, que todas as criaturas devem procurar imitar. Observe que a Lei de Deus não prescreve sectarismo algum, apenas manda ser bom e moralizado, intrinsecamente demonstrando que a Revelação é o instrumento informativo. Quanto ao Cristo, que o Evangelho expõe, viveu a Lei e veio trazer a Revelação para toda a carne. Ninquém, portanto, será bom cristão, sendo revel à Revelação.

— Quem lhe disse isso?! — perguntou-lhe a jovem, sempre desconfiada.

— A Revelação...

— Não compreendo... Não compreendo... — fez a moça, perturbada.

— Quem não compreendeu, — replicou o rapaz, — encravou na cruz àquele que se apresentou aos homens como sendo o Caminho, a Verdade, e a Vida. Ao Portador da Graça, como diz a Escritura.

A jovem calou-se, sem ter o que dizer. O discípulo saiu, foi na direção do seu quarto, depois de despedir-se de todos.

Chegando ao quarto, colocou as mãos no rosto, sentiu a Graça recebida, de seus olhos rolaram lágrimas cálidas de gratidão. Não esperava encontrar a jovem e nem sabia que sofria de ataques; entretanto, o Mensageiro viera ao seu encontro, na hora aprazada, a fim de ser útil.

Orava a sua gratidão, quando sentiu, de novo, aquele frêmito suave em torno da cabeça.

— Deita-te. — disse-lhe a voz do Mensageiro.

O discípulo deitou-se, maravilhado, sabendo que iria ter contato com o bondoso amigo. E assim foi.

— Vamos, — disse-lhe o Mensageiro, — que o expositor aguarda a tua chegada, para iniciar a parte de hoje. Quanto ao monte, onde não compareci, logo falaremos.

— Não é necessário, creio, pois em Deus tudo é justo.

O Mensageiro concordou, assinalando:

— Tanto melhor. Todavia, saiba, quisemos saber como te portarias.

Chegados ao recinto, todos estavam a postos, aguardando-nos.

O expositor iniciou a palestra, dizendo que falaria sobre Moisés, o discípulo da Cabala Egípcia, o missionário que muito trabalhou e sofreu, para radicar a grande família espiritual, de cujo seio resultaria, mais tarde, aquele que viria trazer a Graça da Revelação para toda a carne, a fim de que a Luz da Verdade brilhasse para todas as inteligências e consolasse todos os corações.

De Moisés, falou o expositor, nenhuma palavra direta existe; os Livros foram queimados, assim como perseguidos e mortos os Profetas, ao tempo de Saul. E a restauração, ordenada por Esdra, foi feita sobre lendas e contos do povo, havendo homens que de memória relataram algumas Verdades. Quanto ao mais, símbolos e parábolas foram tomados ao pé da letra, caindo os grandes ensinamentos em tremendas falhas e contradições repelentes.

Salientou, entretanto, quatro feitos grandiosos na vida de Moisés, sem contar os muitos outros de menor significação:

O de “Trasladar o Povo de Israel para o local devido, da maneira que melhor pôde, contando com os recursos mediúnicos de que dispunha, assim como Deus lhe permitiu”.

O de “Uma vez mais transmitir a Lei que fora diversas vezes transmitida, no curso dos tempos aos povos”.

O de “Profetizar sobre a vinda de Cristo, fazendo ciente o Povo de que não estavam completas as Escrituras”.

O de “Lavar o primeiro batismo coletivo de Espírito Santo, ensejando a setenta homens escolhidos entrarem para o cultivo da Revelação, a fim de o auxiliarem a guiar o Povo”.

Pouco mais falou fazendo referência aos feitos de Moisés. Se os homens menos conscientes fizeram de seus livros fogueira e do seu primeiro batismo de Espírito Santo obra de corrupção, nenhuma culpa lhe coube. Também com o Cristo, mais tarde, fariam a mesma coisa: o Novo Testamento era queimado pela Inquisição e com ele seu dono; o Seu batismo de Espírito Santo, para toda a carne, também foi perseguido e banido por Roma, no quarto século, quando ali fundaram o catolicismo Romano.

Findou a exposição e foram recambiados, os encarnados, aos respectivos corpos.

Ao pé do leito, onde repousava o corpo, disse o Mensageiro ao discípulo:

— Se quiseres, não precisas ir ao monte... Já que foste em busca da Verdade, com a sinceridade na alma, ela poderá vir a ti; todavia, quando for possível fazer o bem, faça-o com todo vigor de tua vontade. E nunca deixes de pregar a Verdade, onde quer que seja, e a quem quer que seja, mormente aos que se julgam fartos dela, pois a fartura que levam é apenas teórica e formal, sendo capazes, por isso mesmo, de blasfemar contra o que é de Deus e de insultar aos que procuram vivê-la e torná-la extensiva aos irmãos em geral. Esses tais são aqueles que trucidam os profetas e crucificam o Cristo, achando com isso que estão prestando um grande serviço à Humanidade.

CAPÍTULO IV

Não foi mais o discípulo ao monte, segundo o convite e a oferta que o Mensageiro a ele fizera; ficara em casa, no seu quarto, ali entrando em contato mental com o mundo espiritual.

E o Céu vinha em seu apoio, porque o seu coração era simples e a sua vontade era servir. Assim sendo, a quarta lição versou em torno de Orfeu, o fundador do esoterismo grego, que tantos vultos fizera surgir, como Sócrates, Platão e muitos outros, culminando na figura extraordinária de Apolônio de Tiana, cujos exemplos de caráter e poderes mediúnicos tanta Luz Divina fizera verter sobre miríades de criaturas.

Entretanto, como não poderia deixar de ser, Delfos e Elêusis tinham por base a Verdade ensinada por Hermes e Pitágoras; e a Verdade era tida por aquilo que a Revelação ensina sobre Deus, a Criação, os espíritos e as leis regentes de que já foram feitas as referências básicas. Teologias e teogonias, ensinadas porém por Grandes Mensageiros, não por clérigos sectaristas e comercialistas.

Quem se der ao trabalho de ler os melhores pensadores gregos do tempo, tomará conhecimento desta simples e imensa Verdade doutrinária — conhecer a Verdade significava entrar para a iniciação esotérica, manter colóquio com os Grandes Mensageiros e tornar-se consciente das leis fundamentais e relativas.

O expositor chamou a atenção dos discípulos para este escrito de Apolônio:

“Aproximei-me dos confins da morte, e tendo atingido o limiar de Prosérpina, regressei, tendo sido levado através de todos os elementos.”

Em seguida, Apolônio relata como ficou maravilhado pela iniciação feita, tendo visto, na viagem astral, as baixas regiões do espaço, onde as almas vivem conforme os graus evolutivos e os merecimentos alcançados.

Prosseguindo, o instrutor salientou Platão, em cujas obras, por não lhe ser permitido falar abertamente, estão contidas observações iniciáticas superficiais. Mas, afirmou, lembra o fato de a ninguém ser ensinado ou revelado mais do que a sua capacidade o permitisse. Sócrates e Platão foram iniciados órficos; e da Verdade falaram apenas o que lhes permitia o sigilo esotérico.

Jâmblico, Proclo e outros fizeram afirmações como esta, disse e leu o expositor:

“Em todas as iniciações, nos mistérios, os deuses (ou espíritos) aparecem em formas as mais variadas...”

“O rito acabou e nós somos, para todo o sempre, Videntes.”

Falou ainda de outros filósofos, detendo-se particularmente nos grandes chineses, porém ressaltando que nada mais foram do que almas de eleição, versadas nos Grandes Reveladores da antiguidade. Era a Luz da Verdade, como podia ser conhecida, que os alimentava e impulsionava. Como, entretanto, imperava o caráter esotérico ou de portas fechadas, ninguém anunciava de público tudo quanto vinha a conhecer, apenas revelando fugidias Verdades, em linhas gerais e superficialmente.

Numa Pompílio mereceu-lhe palavras de acentuado respeito. Fora um dos primeiros imperadores romanos, iniciado nas ciências esotéricas, homem sábio e prudente, cujos exemplos logo mais foram sufocados pelos imperadores seguintes, que a tudo corromperam, nunca mais dando Roma fruto algum digno da Verdade, pois o imperialismo sanguinário e a corrupção da Igreja Viva de Jesus Cristo foram seus últimos relatos danosos, que ainda perderam, não permitindo à Humanidade o conhecimento da Verdade.

Ao findar a exposição, assinalou:

— Entraremos, a seguir, na exposição da Excelsa Doutrina, trazida por Jesus Cristo para toda a carne, consoante estava escrito nos profetas. Quem puder ter lembranças destas exposições, queira estudar os textos bíblicos referentes ao Cristo e à Sua função missionária. Recordem-se, irmãos, afirmou ele, que Jesus veio aos planos inferiores, por ter encarnado, a fim de batizar em Espírito Santo, rasgar o véu do templo, abrir as portas dos Templos Iniciáticos tornando a Revelação ao alcance de todos, para que a toda a carne fosse dado conhecer a Verdade.

Com isso o Instrutor encerrou a quarta aula, com o aviso de que a quinta, somente muitos dias depois seria dada à exposição.

Junto ao leito, falou-lhe o Mensageiro:

— Veja bem, estude os textos, porque a função missionária de Jesus Cristo está alicerçada no Velho Testamento. Grandes profecias foram feitas, antes e depois de Saul, sobre Aquele que viria derramar o Espírito Santo sobre a carne, que seria posto diante do mundo como a Síntese da Verdade. Embora tendo havido crimes praticados contra os chamados Livros Sagrados, depois de Saul muitos outros falaram sobre a vinda do Cristo e Sua missão a cumprir. Estude para ter o melhor aproveitamento, na hora da exposição. Afinal, como tem visto, o Céu apresenta os elementos, mas a feitura depende da capacidade e do aproveitamento de cada um. E pelo fato de fracassarem alguns, nem por isso outros devem dar-se à negligência.

O discípulo agradeceu o lembrete e a seguir tomou conta do seu corpo, tendo lembrança, como de costume, das ocorrências havidas.

CAPÍTULO V

Tempos transcorreram, antes que a quinta lição fosse transmitida; e ao discípulo foi dito, na ocasião, que assim fora determinado, para que cada um desse exemplo de boa vontade, cooperando com as lições do Céu.

Durante o tempo de espera, várias vezes apareceu-lhe o Mensageiro, quando alguém lhe pedia orações e trabalhos mediúnicos. E o discípulo, com satisfação, fazia a parte que lhe cabia, servindo com amor, procurando aprender com a experiência adquirida, com os fatos que se apresentavam.

Certo dia, procurando-o uma senhora, e fazendo-lhe pergunta sobre o mal que a molestava, disse-lhe o Mensageiro, uma vez interrogado pelo discípulo:

— Além do monte, na baixada, há uma família de camponeses, sírios de nacionalidade. Acompanha essa irmã até lá, e ouvirás coisas interessantes. Para ela virá o remédio e para ti abrir-se-á uma porta de trabalhos. Porque é importante o saber, quando se o pode aplicar a bem da coletividade. E quem sabe e pode, jamais deve perder qualquer oportunidade de cooperação. Entretanto, lembra-te, se é imperioso tratar dos corpos, muito mais o é tratar do espírito. Enquanto os espíritos forem tardos de entendimento e falhos em valores intelecto-morais, seus corpos estarão sujeitos a todos os assaltos da lesão e das dores em geral. Vai, portanto, à procura do benefício alheio, levando na mente que deves mais atenção à obra educativa espiritual. Ensinar o Caminho da Verdade é a mais eloquente forma de se beneficiar o próximo; exemplificar o Caminho da Verdade é dar o máximo em benefício de si próprio.

O discípulo dirigiu-se à tal senhora, propondo-lhe a oferta do Mensageiro. Esta havendo aceitado, foram imediatamente além do monte, à procura da família síria, que teria o que lhes dar e dizer.

Chegados ao declive, descortinaram imensa planície, pontilhada aqui e além com as manchas brancas das casas de sitiantes e chacareiros. E perguntando eles a respeito da família síria, foi-lhes indicado um pomar de grandes proporções, no qual se localizava a casa onde residia.

Chamado pelos moradores, veio-lhes ao encontro uma senhora muito idosa, dizendo que entrassem logo, o que eles fizeram prontamente, pois seu filho estava aplicando mãos em um rapaz que sofria periódicas alucinações.

Sentados na sala de espera, ouviam casa a dentro fortes bramidos, queixas e revoltas. E assim estavam aguardando, quando se apresentou o filho da senhora síria, dizendo-lhes:

— Venham auxiliar-me, porque há um espírito rebelde a molestar um nosso irmão. Por duas vezes já o retiramos, porém ele volta e o ataca, pondo a vida do rapaz em perigo.

Entraram o discípulo e a senhora doente, e como fossem conscientes do que estava ocorrendo, passaram a orar. Foi então que o Mensageiro se apresentou à vidência do discípulo, ordenando-lhe colocar a mão direita na cabeça do rapaz. Viu então o discípulo, que uma falange espiritual ali estava, tendo levado o espírito rebelde.

Assim que o rapaz viu-se livre, tornando a si, exclamou:

— Graças a Deus!

— Sim, graças a Deus! — anuiu o filho da casa.

O Mensageiro, no entretanto, mandou o discípulo dizer:

— De graças de Deus andam refertos os mundos e as criaturas, sem dúvida; mas nem sempre são elas conhecidas, aplicadas e conservadas em plano de respeito. Não é tão fácil encontrar quem proceda com a devida prudência, quando se trata de conhecer e usar decentemente as graças de Deus.

— Por que diz isso? — perguntou-lhe o rapaz.

— Quem o diz é o Mensageiro — respondeu-lhe o discípulo, apontando para o local onde se achava o Mensageiro.

— Por que? — perguntou o filho da casa.

O Mensageiro falou e o discípulo passou a mensagem à frente:

— Porque o rapaz doente procura sarar do mal que lhe vem de fora, sem procurar sarar do mal que arrasta consigo mesmo, faz centenas de anos. Se não procurar o Caminho da Verdade, para vivê-lo da melhor maneira, não adianta procurar a cura, pois saindo uns, certamente outros virão, conforme ensinou Jesus numa das parábolas. Cometerá três erros, pelo menos, a saber: - dará trabalho em vão; prolongará o sofrimento, e não chegará a ser útil ao próximo.

O rapaz redarguiu, visivelmente contrafeito:

— Com apenas vinte anos, devo pensar em coisas tão graves? Não tenho o direito de gozar a vida?

O Mensageiro ordenou ao discípulo dizer:

— Sair das trevas exteriores, para reencarnar, é como se trava-lha pelo Verdadeiro gozo. Se, porém, não sabe de onde vem, cheio de culpas e agravos, e não conhece a lei da reencarnação, que é Verdadeiramente a válvula redentora e evolutiva do espírito, então pode falar como bem queira, desprezando as melhores oportunidades e os melhores conselhos. Porque, assim fazendo, chegará a ter mais trevas e mais dores, para breves dias, quando nem sequer poderá imaginar direitos de gozar a vida. Além do mais, a juventude do corpo não esconde as falhas velhas e arraigadas no espírito. Não confunda, portanto, o que é de fato e grave, com o que é aparente e fugidio.

O filho da casa, cheio de gozo, exclamou:

— Eis aí, que ouço palavras dignas de um Livro Sagrado!

O Mensageiro fê-lo ouvir as seguintes palavras:

— Quando os mestres vêm aos discípulos, é porque os discípulos deram mostras de amar o Caminho da Verdade. Procura sempre o conforto no Caminho, produzindo o bem, servindo o próximo, e estaremos a teu lado, trazendo-te aquilo que os maiores na escala ordenarem trazer. Porque nós também servimos, para sermos servidos. Quem não procura não acha, quem não acha não tem e quem não tem, nada poderá dar. Cumpre estender a cadeia das virtudes, para que a Humanidade venha a ser feliz. É de Jesus que recebemos as instruções e as benesses, através das muitas hierarquias; e por isso afirmamos que fora da Verdade não poderá haver Verdadeira felicidade.

O filho da casa olhou para o discípulo, perguntando:

— Que vens aqui buscar, tu que tanto tens para dar? Acaso tenho eu palavras de sabedoria, ou forças poderosas, para te poder servir?

O discípulo falou-lhe, como o Mensageiro lhe ordenara:

— Acaso não existem farturas em Deus, para que o Seu Digno Filho, Jesus, que é o Despenseiro fiel e prudente, não te possa dar cada vez mais, na razão direta em que te fizeres merecedor?

— Ainda assim, — respondeu o filho da casa, — não sei em que lhes possa ser útil. A esta casa têm vindo, sempre, irmãos que desejam alguma coisa... Eis porque estranho a vossa presença aqui, estando cheios de graça e de Verdades.

O Mensageiro mandou dizer-lhe:

— A senhora nossa irmã, que te visita, aqui veio de ordem superior; faz por ela o possível, que o bom Deus saberá como agir posteriormente. Quanto ao mais, o futuro trará seus encargos e suas vantagens.

Foi o filho da casa colocar a mão direita sobre a cabeça da senhora enferma, e o seu guia disse-lhe o que fazer, para livrá-la do mal que a afligia, tendo o cuidado de encarecer a necessidade de melhora no plano moral.

A seguir, perguntou o jovem médium ao discípulo:

— Onde moras?

— Na vila. Por que o perguntas?

— Desejo ter alguém com quem possa conversar, trocar ideias, ganhar conhecimentos. A Verdade não pode ser apenas isto que vivo a fazer...

O Mensageiro incumbiu o discípulo de dizer-lhe:

— Uma coisa é ser médium, outra coisa é conhecer. Quem tiver alguma ou muita coisa por graça, não deve esquecer a obrigação de alcançar mais à custa de esforços. Jesus lembrou a necessidade de amar a Deus com todas as forças do cérebro e do coração, além de ter sido o Divino Portador da Graça para toda a carne. Ninguém deve confundir entre as dádivas de Deus e as obrigações individuais de aperfeiçoamento. Esse o motivo por que desejo a vossa união, em aprendizados e trabalhos em geral. Para a Verdadeira edificação da Igreja, cada irmão ou componente deve dar a sua parte. Leiam com atenção os capítulos doze, treze e quatorze, da Primeira Carta de Paulo aos Coríntos. Como deveis reconhecer, Paulo foi o Vaso Escolhido por Jesus, para ensinar as bases orgânicas da Igreja edificadas sobre a Revelação.

O filho da casa confidenciou:

— Realmente, sinto anseios de conhecimentos... Sinto que minha alma pede Verdades, que existem, coisas que posso e devo realizar à custa de melhores conhecimentos. Não sei o que seja, mas vivo debaixo dessa impressão. E pelo que reconheço,

Deus aqui vos enviou, para que isso aconteça.

O rapaz das alucinações pretendeu sair, alegando suas razões; o Mensageiro ordenou ao discípulo que lhe dissesse:

— Por trinta dias ficarás livre de perseguições espirituais; depois, se continuares olvidando teus compromissos ressarcitivos, tudo irá de mal a pior.

Inconsciente e pouco prudente, revidou ele:

— Confio em Deus... Ou não se pode confiar em Deus?!

O Mensageiro mandou-lhe resposta:

— Através da Lei é que se compreende Deus. E a Lei significa o todo orgânico da Criação, a estrutura disciplinar. Dentre os muitos e infinitos dispositivos, um há que você malbaratou criminosamente — o relativo livre-arbítrio! A Lei pergunta, das suas profundezas, que coisas foram feitas com a liberdade acional.

Com pretensa inocência, respondeu o rapaz:

— Não tenho disso conhecimento...

O Mensageiro retrucou:

— Se acredita que as alucinações e as nossas palavras são nulas, ou sem motivo básico, procure solucionar a questão por outros meios. Quando algum dia achar que perdeu tempo, e que sofreu horrores, torne a dizer que de nada sabe, para ver se lhe adianta coisa alguma.

O rapaz silenciou e o Mensageiro disse-lhe:

— Aos inteligentes e sensatos, fala-se a linguagem do Amor e da Ciência; aos estultos fala-se a linguagem do sofrimento. Outros tempos, outras obrigações cíclicas, significam outros deveres de compreensão... É hora de concordarem os homens, com outras medidas de obrigação. Basta de ceder ao guante do aguilhão, pelo fato de negar a supremacia do Amor e da Ciência!

Despediu-se o rapaz, sem responder e sem prometer coisa alguma.

O discípulo e o filho da casa concordaram em realizar sessões na residência do primeiro, na vila, em dias marcados. O Céu, entretanto, ordenou adiantar o expediente, fazendo-os encontrar, à noite, no mundo espiritual. O Mensageiro compareceu, fê-los conversar e atender alguns casos de assistência, repondo-os nos corpos, com a melhor lembrança possível do ocorrido.

Ao se reencontrarem fisicamente, trocaram ideias e ficaram ambos maravilhados. O discípulo contou ao jovem médium as viagens que fizera, indo aprender grandes e primorosas lições, no mundo espiritual. Pormenorizou o local, a vastidão do salão e os temas expostos, as características individuais e outras particularidades, entusiasmando o amigo.

— Como se faz para isso acontecer? — perguntou-lhe o jovem, com sofreguidão.

O discípulo respondeu, como sabia:

— Não sei.

— Seria apenas um caso de mediunidade? — tornou o jovem médium.

O Mensageiro se fez ouvir, sem se fazer ver, dizendo ao discípulo:

— Em estado latente, todos temos o Espírito Santo sem medida. Cumpre, entretanto, não olvidar o dever de organizar a personalidade, em base de conhecimentos reais, de conquistas imorredouras. A Graça e a Verdade, trazidas por Jesus para toda a carne, devem constituir o instrumento de avançamento, não a medida de favor ou o motivo de menosprezo às conquistas intransferíveis. Não se peça à Revelação senão aquilo que lhe cumpre dar. Ela informa e coopera, mas não deve realizar aquilo que cumpre ao discípulo; é instrumento elucidativo e consolador, mas não é medida de favoritismos ilegais, de sinecuras psíquicas.

— Como fez você, — perguntou o jovem ao discípulo, — para alcançar isso?

— Eu, — respondeu-lhe o discípulo, — se fiz alguma coisa para merecer tais viagens astrais e obter lições, foi apenas sentir vontades superiores e ler o quanto possível, em matéria de Verdades Reveladas. Li tudo quanto há escrito, e me caiu em mãos, sobre as Grandes Revelações. Procurei conhecer a Verdade, pensando em passá-La à Humanidade, para que ela se melhorasse, realizando-a à custa de esforços íntimos. Entretanto, como pude observar, desde os Vedas, a Verdade Básica vem sendo ensinada, sem que os homens procurem tirar Dela os devidos proveitos. Sobre a Excelsa Doutrina, edificada por Jesus, ainda não foi realizada a exposição.

Nem sei quando será, pois nenhum aviso tive. Sei, apenas, que estou lendo com atenção tudo quanto diz respeito ao Batismo de Espírito Santo, porque o expositor ressaltou que a função missionária de Jesus foi essa. Creio que você deve ler os dois Testamentos, pois a questão vem de muito longe, através de soleníssimas promessas feitas por Deus aos profetas, através de Seus espíritos Mensageiros.

— Seria maravilhoso! — exclamou o jovem, estuando de alegria.

O Mensageiro mandou dizer-lhe:

— Estuda, trabalha e espera.

Separaram-se os dois, cheios de alegria, naquela tarde de sol.

CAPÍTULO VI

Ao entrar em sua casa, deparou o discípulo com a jovem protestante, que sofria de ataques e que fora ali por ele atendida.

— Como tem passado? — perguntou-lhe.

— Nunca mais tive ataques, graças a Deus!

O discípulo esclareceu:

— As graças de Deus derramam-se através de leis e por meio de Seus filhos. É de bom alvitre considerar a obra de cooperação e fraternidade. Quem despreza o que vem de Deus, seja como for, certamente despreza o próprio Deus.

Contrafeita, a jovem perguntou-lhe:

— Por que me fala assim?

Resoluto, o discípulo respondeu-lhe:

— A ignorância gera o orgulho; o orgulho gera a vaidade; a vaidade gera a presunção; a presunção faz a criatura acreditar na própria ignorância, que deu motivo a tantos defeitos, construindo o pior dos círculos viciosos. Devemos compreender, antes de mais nada, se estamos acreditando na Verdade e procurando a Verdade, ou se estamos apenas adorando as nossas próprias e erradas convicções.

Um tanto enervada, falou-lhe a jovem:

— O que julga você estar fazendo? Pretende estar absolutamente certo?

— O absoluto não é o relativo, senhorita. Quanto ao mais, pretendo ser um homem de portas abertas... Não fico na porta, sem entrar e sem deixar entrar os que poderiam fazê-lo, consoante o ensino de Jesus.

— Jesus! — fez ela — E que faço eu com o Evangelho?!

O Mensageiro falou no ouvido do discípulo, ordenando-lhe dizer:

— Os Livros Sagrados falam sobre a Verdade, mas não são a Verdade. Cumpre-se os leia, para aprender e realizar de modo prático. O Jesus que convém ser amado e imitado não é o Jesus teórico, que vive nas palavras de quem se diz cristão, na crença vazia dos que tecem ladainhas ao Evangelho escrito e insultam as leis e os fatos do Evangelho experimental ou prático. É preciso lembrar, e lembrando ponderar, e ponderando praticar a seguinte Verdade — o Evangelho e os espíritos existem em função da Verdade e não a Verdade em função deles. Portanto, procuremos conhecer a Luz Divina e as leis que determinam os fenômenos universais, entre os quais a Revelação. Porque, em Verdade, quem nega e destrata a Revelação comete um dos maiores crimes contra Deus e contra si mesmo.

Julgando-se em razão, a jovem alegou, convicta:

— A Bíblia é a Revelação!

O Mensageiro ordenou dizer-lhe:

— A Bíblia foi escrita graças à Revelação; a Bíblia é, de todos os chamados Livros Sagrados, o único que profetiza e promete a Revelação para toda a carne; mas a bíblia não é a Revelação. Já o disse, tudo existe em função da Verdade e não a Verdade em função do que é relativo.

Confusa, a jovem inquiriu, gaguejando:

— Que é... Que é, então, a Verdade?!

O discípulo, sorrindo, passou adiante o recado; a mensagem:

— Deus, Sua Criação e Suas leis... Sucede, porém, que sem evoluir ninguém atinge o Conhecimento da Verdade. Aceitar uma fé e um Missionário, de maneira empírica e formal, não significa ter o conhecimento das leis que regem e determinam os fenômenos. Os chamados Grandes Iniciados, por certo não foram apenas crenças empíricas e formais. Jesus nada fez, à custa de simplesmente possuir a Sua fé cega. Por evolução, conhecia; por conhecer, sabia aplicar; e por saber aplicar, determinava e executava.

Quase perplexa, a jovem exclamou:

— Então creio que não temos um discípulo de Cristo em toda a Terra!

A resposta veio seca e imediata:

— Nem o Jesus que nós conhecemos Se fez de um golpe... Cristão é quem procura honrar as leis usadas pelo Divino Mestre, para obrar os fenômenos que obrou em face do mundo. Honrar as leis é conhecê-las e aplicá-las... Aqueles, entretanto, que se dizem cristãos e atribuem ao diabo tudo quanto o fanatismo sectário lhes proíbe conhecer, por certo não são cristãos. Assim sendo, tem razão ao dizer que poucos são os cristãos Verdadeiros sobre a Terra. Quanto ao Cristo, convenhamos, é grau hierárquico, é função modeladora. Aos poucos o Cristo brilhará em nós mesmos, porque somos Cristos em fazimento. Ele, o já evoluído, veio trazer-nos a medida e o programa, o conhecimento e o processo de fazimento. Por esse motivo, saiba quem quiser, importa desabrochar o Cristo interno!

Ainda sem compreender, a jovem sentenciou:

— Temos procurado ter Jesus no coração!

Mansa e grave, a resposta surgiu:

— Há muita diferença entre aceitação empírica e conhecimento de causa de modo prático-experimental. Aceitação sentimental ou razoável não é conhecer e ter a posse das leis que originam, sustentam e determinam os fenômenos. Basta acreditar na Medicina para ser médico? Basta ver estrelas para ser astrônomo? Chega falar em alimentos para saciar a fome? Ó filha de Deus!... Por que falas na Verdade e ao mesmo tempo negas a Verdade? Por que afirmas o Jesus que teu coração aceita, para negar o Jesus que, por evolução, tinha o Conhecimento das leis regentes e o poder de acioná-las?

Perturbada, a jovem murmurou:

— Não entendo semelhantes coisas... Não entendo...

Foi-lhe dito, em tom de advertência:

— Naquele tempo, quem não O entendeu encravou-O numa cruz... Jesus ainda continua sendo a Verdade mal compreendida, a Verdade que serve para condenar a Verdade, pelo erro daqueles que se dizem crentes e não sabem no que acreditam. Repara que o Céu, para quem não o conhece, pode tomar a configuração do inferno... O mesmo Jesus que para uns era o Filho de Deus, para outros era o representante de Belzebú... Estaria em Jesus a diferença, ou estaria naqueles que o julgavam discípulo de Belzebú, por causa dos fenômenos que produzia, não fariam melhor estudando a origem dos mesmos, do que dando-se a julgar mal e a caluniar e condenar?

Ou devemos chamar à Verdade mentira, pelo simples fato de não a reconhecermos? Ou existirá alguém sobre a Terra, que tenha o direito de não desconfiar do pouco que sabe e do muito que não sabe?

Houve quietude na sala, após as últimas perguntas. Todos pareciam meditar, inclusive o discípulo, que estava surpreso com as questões debatidas, cujas palavras procurava transmitir, sem a perda de uma sílaba.

— Como teria que começar, para saber melhor? — disse a jovem, pouco depois.

O Mensageiro mandou dizer-lhe:

— Estudar o Evangelho, ao invés de lê-lo viciosamente. Procure saber qual a missão que Jesus devia cumprir. Chegando a saber o que foi o Batismo de Espírito Santo, ou a Graça e a Verdade que Ele veio trazer a toda a carne, tudo o mais será muito fácil de entender. Ou julga que Jesus tenha dito tudo quanto tinha a dizer?

Ela afirmou, prontamente:

— Ele mesmo disse que muitas outras Verdades tinha a dizer, Verdades que seriam ditas pelo Espírito de Verdade ou Consolador, que é o Espírito Santo.

O Mensageiro mandou perguntar-lhe:

— E você já conheceu o Espírito Santo e as Verdades que lhe cumpre ensinar?

— Não. Só conheço o Evangelho e nada mais. Francamente, nunca entendi certas partes da Escritura... O Livro dos Atos e as Epístolas estão cheios de relatos a respeito da comunicação do Espírito Santo; mas eu não sei como isso poderia dar-se e nem tampouco por que não continuou a dar-se. Já lhe disse, não entendo certos pontos da Escritura.

— Já perguntou isso a seus pastores?

— Eu não, pois aqueles que o fizeram foram advertidos, tendo havido irmãos que foram para outras Igrejas, por terem sido proibidos de cogitar de tais assuntos.

— Esses homens nunca leram sobre aqueles que ficam nas portas, não entram e proíbem a entrada dos que poderiam fazê-lo?

A jovem, sorrindo, balbuciou:

— Meu pai costuma dizer, quando fica bravo, que a Igreja para uns é Religião e para outros é meio de vida. E que olhando uma coisa por muitos lados, nem sempre aparece ela do mesmo modo ou com a mesma configuração. Gostaria que Jesus de novo passasse pela Terra, e de novo batizasse em Espírito Santo, para eu saber como é e para que serve. Afinal, se Jesus pelo Espírito Santo instruiu os Apóstolos, e disse que estaria sempre conosco, por que não o está agora? Por que não tem estado? Onde está o Consolador?

Foi sob forte comoção, que o Mensageiro ordenou dizer-lhe:

— Vá para casa hoje, com o intento de ler os capítulos doze, treze e quatorze, da Primeira Carta de Paulo aos Coríntios. Hei de fazer-lhe sentir a minha presença, porque é uma filha de Deus que anseia pela Verdade.

A jovem estranhou o modo de expressar, indagando:

— Por que disse: “hei de fazer sentir a minha presença”?!?

O discípulo contou-lhe:

— Tenho sido a boca de um Mensageiro espiritual... Eu falo, mas é ele quem dita as palavras. É a Graça trazida por Jesus... Na antiguidade, os ensinamentos da Revelação eram conhecidos como a Verdade. Tendo vindo Jesus abrir as portas da iniciação, ou derramar do Espírito Santo sobre a carne, Dele foi dito que recebeu de Deus a Graça e a Verdade e transmitiu-a a toda a Humanidade.

Assinalando a afirmativa com o brilho de seus muito bonitos olhos, a jovem emendou:

— No capítulo dois do Livro dos Atos, defronte ao clamor formidável do Batismo de Espírito Santo, Pedro disse as palavras que você vem de recitar! É um capítulo maravilhoso, que ficou com letra morta... Salvo, é claro, se estamos defronte ao mesmo fenômeno, estando você a transmitir palavras de um Mensageiro, como diz.

A palavra do Mensageiro foi repetida:

— Leia, hoje, os três capítulos já mencionados. E não tenha medo, se acontecer alguma coisa pouco ou muito estranha.

Em tom meigo e confidencial, disse a jovem:

— O evangelho tem sido o travesseiro de minha vida...

O Mensageiro mandou dizer:

— E o Céu encaminhou os seus passos... Nutrida de santos desejos evangélicos, a Graça e a Verdade farão crescer, nas suas mãos, as flores do Amor e da Sabedoria. Algum dia, quando voltar ao mundo espiritual, colherá as bênçãos da piedade e da candura que tenha esparramado no mundo. Não foram ataques aquilo que sofria, mas avisos do Céu... Se tem dado graças pelo pouco que recebeu, quanto mais não sentirá nas profundezas da alma, a ventura gloriosa de ter espargido os benefícios de Deus entre Seus filhos menos esclarecidos! Porque, assim como em todos os tempos, o Senhor necessita de servos e profetas...

Diante de tais palavras, a jovem caiu em pranto, comovida que ficou. A gente da casa envolveu-a em seu costumeiro carinho, fazendo-lhe ver que em tudo aquilo estava apenas a mesma e eterna Verdade de todos os tempos; que jamais a Humanidade teria Livros Sagrados para ler, se nunca tivessem existido criaturas capazes de comungar com os anjos ou espíritos, que sempre foram os Mensageiros de Deus.

Quando a jovem se foi, tinha o coração pleno de elevados sentimentos, o cérebro referto de ideias sublimes e o ânimo alçado aos páramos da esperança sublimada.

Acompanhei-a, envolto nas dobras do invisível, procurando auscultar as palpitações daquela alma embutida na carne, e nos enfronhos de um sectarismo bem intencionado, porém unguído de prevenções contra a Revelação, alma que mantinha nos alicerces da estruturação evolutiva, nas fissuras da vivência histórica, belos florões espirituais a lhe ornamentarem a personalidade.

Sim, a lhe ornamentarem a personalidade, essa personalidade da qual falam mal os ignorantes e da qual usam pior ainda os inconscientes de sua sagrada finalidade. Aqueles porque acreditam em nirvanas errados, onde o indivíduo se acaba a bem do Ser Total que o reabsorve, depois da tremenda escalada através das vidas, das lutas e dos sofrimentos, quando chega a hora de colher os proventos benditos da vastidão dos esforços empregados. E os últimos, porque acreditam que personalidade seja instrumento de menoscabo aos irmãos, ferramenta que garanta o direito de pretender ser mais e melhor do que os irmãos em natureza e destino. Errados porque, afinal, a personalização é a conscientização do indivíduo espiritual, da centelha que começou simples e ignorante, com todos os valores em estado potencial.

Bem-aventurado é aquele que atingiu a Verdadeira personalização, que tanto evoluiu, a ponto de ser mais um Uno com o Ser Total; que se tornou parte da Sua gloriosa e infinita ubiquidade! Aquele que é, que vive para ser reflexo do Ser Total, sem deixar de ser Seu filho!

Não é contra a personalidade que se devem levantar os Verdadeiros crentes; é contra a estupidez!... E tanto mais devem lembrar a importância dessa Verdade, pelo fato de ser búdico o conceito nirvânico, assim como búdico é o conceito que assegura conter a mentira elementos de bondade, enquanto que a estupidez nunca é capaz de conter vantagem alguma.

A roda do destino, que faz nascer e morrer tantas vezes quantas sejam necessárias, para atingir o Nirvana, é a mesma roda que faz o espírito Uno sustentar a personalidade que se emprega na divina função de refletir a Soberana Vontade! Quem responde pelas obras até o último ceitel, tanto o faz para descer às trevas do mais terrível ressarcimento, como o faz para subir aos altos e unificadores empírios celestiais. Para tudo, e acima de tudo, quer Deus que Seus filhos cheguem a ter a consciência da Verdade. E a consciência da Verdade não precisaria ser alcançada, e à custa de tamanhos esforços e sofrimentos, para ao fim ser eliminada e tornada sem efeito individual. Jamais Buda algum pregou semelhante coisa. Pregou, sim, e com todos os foros de realidade impassável, que Nirvana é grau crístico, é sintonia perfeita com o Ser Total ou Pai, acontecimento que motiva a entrada na Divina Ubiquidade. Este acontecimento, saibam quantos tiveram vontade de conhecer a Verdade, não pode ser explicado; nenhuma linguagem humana poderia jamais consegui-lo, fugidamente que fosse.

CAPÍTULO VII

Quando a jovem chegou a seu domicílio, pensou em não dar informes a seus familiares, de tudo quanto se dera; suas maneiras, entretanto, faziam perceber que algo de anormal e agradável ocorrera. Estava muito alegre, vibrante, imaginosa e risonha, distraída e distante, sonhadora e expectante.

Sua mãe, indo-lhe no encalço, sorrindo, perguntou-lhe:

— Encontrei o teu amor minha filha? Teu semblante fala a linguagem que tua boca não quer pronunciar. Sou tua mãe... Dize-me o que se passa contigo, para que eu parti-lhe de tuas alegrias e, se necessário, possa dar-te algum conselho.

Ela olhou bem para o semblante materno, ávido de informes, titubeando em dizer o que lhe ia pela alma. Todavia, concluiu que mais tarde ou mais cedo teriam todos que vir a saber, tendo então explicado:

— Mamãe, não foi o meu amor o que encontrei, mas sim, creio, um pouco mais de Verdades, dessas Verdades que, acumuladas, perfazem a Verdade. Na casa onde tratam de mim, por causa de meus ataques, há um rapaz que tem o dom de ver os espíritos. Esse rapaz transmitiu-me palavras de real elevação, creio que Verdadeiras mensagens do Céu...

Antes que a moça terminasse a sua exposição, a mãe interferiu:

— Espiritismo?!

A jovem replicou, mansamente:

— Revelação... Grandes conhecimentos da Escritura e a Graça da Revelação. O que nós temos, os protestantes, é medo da palavra Espiritismo, é superstição, é o produto da ignorância.

A mãe, estupefata, perguntou-lhe:

— Será?... Será, minha filha?!... Nossos pastores dizem outras coisas...

Sem bosquejar, a jovem perguntou-lhe:

— Outros pastores, também presumidos, não deram antes a morte aos profetas e a Jesus Cristo? A mesma Verdade que glorificou a vida de Jesus, pelo fato de conhecê-La, não foi aquela que armou o braço dos assassinos, pelo fato de a ignorarem? Tudo não é questão de conhecer ou ignorar? Jesus não era o mesmo para os Apóstolos? Entretanto, por que motivo Judas O entregou, Pedro O negou e Tomé necessitou apalpá-Lo, para crer?

— Minha filha! — disse a mãe, perturbada — És inteligente e mais conhecedora do que eu. Estudaste mais, tens lido muito... Mas, pensa, que dirão teu pai e irmãos, nossos parentes e os cren-tes?

Abanando a cabeça, em sinal de pena, a jovem perguntou à genitora:

— É possível servir a dois senhores, sem fazer obra de hipocrisia? Se Jesus rompeu com o Templo, a ponto de vir a encontrar em seus donos os Seus assassinos, se abandonou Sua família, para tratar da imensa família humana; e se encontrou em doze homens três falhas, por que devo eu temer os juízos do mundo, quando se trata de respeitar a Graça e a Verdade trazida por Jesus Cristo?

— Acaso não tens o Evangelho, minha filha?! — perguntou-lhe a mãe, admirada.

— Que é o Evangelho, mamãe? — disse-lhe a filha, sorrindo com doçura.

Sem raciocinar, respondeu-lhe a mãe:

— É a Verdade, não é?...

— O evangelho, mamãe, fala sobre a Verdade, ensina o Caminho da Verdade, mas não é a Verdade. As obras de Jesus Cristo é que são exemplos vivos de Verdade. E as obras de Jesus tiveram por base a Lei e a Revelação.

— E quem nega isso? — perguntou-lhe a mãe, perplexa.

Pronta foi a resposta, porque a jovem estava sendo inspirada:

— Negam isso, mamãe, aqueles que agora dizem ser o contato com os espíritos coisa diabólica, mesmo sabendo que Jesus Cristo veio ao mundo para batizar em Espírito Santo; mesmo sabendo, mamãe, que a igreja de Jesus é fundamentada na Revelação, como o provam os dois primeiros capítulos do Livro dos Atos e os capítulos doze, treze e quatorze da Primeira Carta de Paulo aos Coríntios. Negam isso, mamãe, todos aqueles que se dizem cristãos,

enquanto fazem a obra do antiCristo, porque negam a Revelação, praticam a idolatria e a conversa fútil, a superstição e o comercialismo clerical.

— Que Jesus te guie, minha filha, pelos caminhos da Verdade... Eu não sei como te falar, sabendo apenas que sempre foste inteligente e muito boa filha.

A filha abraçou a mãe, beijou-a ternamente, murmurou-lhe no ouvido:

— Jesus continua sendo crucificado pelas convenções do mundo... Se alguns homens ficam a par dos Verdadeiros Apóstolos, outros ficam ao lado dos Arimateias e Nicodemos, ficando a maioria com os donos do Sinédrio, com Caifás e Anás, com os Pilatos e os Herodes... Eu irei, minha mãe, procurar a Verdade onde quer que esteja, para bem servir a Deus através de Seus filhos. Alegra-te comigo, porque a mentira não vicejou jamais na minha alma. Soube até hoje o que pude, e honrei o que soube, vivendo para acreditar nos meus pais e nos meus pastores. Creio que é chegada a hora, mamãe, em que devo pensar por mim mesma, para melhor acreditar em Deus e melhor servir a Jesus Cristo.

Julgando estar certa, disse-lhe a mãe:

— Jesus já está servido, minha filha; nós é que não estamos, porque ainda estamos no mundo, sem saber como terminaremos nossos dias, se com mais ou menos pecados na alma.

A filha abanou a cabeça, em sinal desaprovador, explicando:

— Não está certo isso, mamãe. O Evangelho de Jesus Cristo, que é o cultivo da Lei e da Revelação, deve se estender até às extremidades da Terra, conforme está escrito. E como a senhora sabe, tudo isso ainda não se realizou, porque a corrupção tomou o lugar do Verdadeiro Cristianismo. Devemos, portanto, empreender o serviço apostolar, com todas as forças do cérebro e do coração, para iluminar o mundo com as luzes da Verdade. E, como é concludente, o instrumento de ilustração deixado por Jesus foi a Graça por Ele trazida, que é a Revelação.

Pensativa, a progenitora balbuciou:

— Paulo diz, numa de suas Cartas, que não pregou o Evangelho de palavras, mas com grande evidência de sinais e prodígios, em virtude do Espírito Santo. Todavia, minha filha, que seria o Espírito Santo?

Inspirada, a jovem respondeu, esclarecendo:

— O velho testamento está cheio de referências a anjos ou espíritos que transmitiram mensagens aos homens, através dos profetas ou médiuns; um anjo ou espírito, chamado Gabriel, anunciou o nascimento de João Batista e de Jesus Cristo; mais tarde, no alto do Monte Tabor, Jesus e três discípulos tiveram contato com Moisés e Elias; o Divino Mestre continuou, depois de morto na cruz, a se comunicar com os discípulos; o Livro dos Atos e as Epístolas estão cheios de contato com o mundo espiritual, além de João Evangelista advertir, numa das suas Epístolas, para que se observe o melhor discernimento, a fim de saber se os espíritos são ou não de Deus. Como a senhora poderá ver, a Bíblia é um Livro que tudo deve à Revelação. Se contém suas falhas, porque sofreu queimas e corrupções, traduções e desvios, além de ter sido feita por muitos homens, sendo que cada qual entende como pode, isso tudo prova que ela é o produto da Revelação. Demais, outros Livros Sagrados existem, escritos por outros Grandes Mestres, que também foram Missionários sobre a Terra, milhares e milhares de anos antes da vinda de Jesus Cristo. Ora, como Deus nunca foi diferente, devemos respeito a tudo quanto é de Deus. E sem os espíritos comunicantes, como haveria a Revelação?

Apaziguada em seu ânimo de mãe, falou à filha:

— É incontestável que Deus tem sido sempre igual e que Jesus teve muitos precursores. Também nós, minha filha, temos João Huss e Lutero como grandes Missionários, pelo fato de terem trabalhado pela reforma, a fim de por paradeiro aos erros de Roma e encher a Terra de Evangelhos e Bíblias.

Carinhosa, a filha disse-lhe:

— Depois das pregações de Jesus, houve o derrame de Espírito Santo sobre a carne; depois da Reforma temporal, e da disseminação dos Livros Sagrados pela Humanidade, tinha de vir a nova e maior eclosão mediúnica da História. Ninguém poderia deter a Vontade de Deus; poderia?

Encarando a filha com atenção, perguntou-lhe a mãe:

— Que sentes, minha filha? Estás muito pálida e com os olhos brilhantes.

Custou para falar, porque não sabia ao certo como dizer, mas respondeu:

— Sinto-me leve, sublime, deslumbrada... Parece que o Céu está em mim...

— Deita-te minha filha, que logo mais te chamarei para o jantar. Deve ser a emoção das novidades que te disseram.

— Ou alguma ajuda de Deus, pois não? Um Mensageiro disse-me, faz pouco, que me iria demonstrar a sua presença e auxílio. Quem sabe se é ele, mamãe?

A mãe fitou-a com todo carinho de sua alma, sem responder. Mas nós sabemos que a jovem estava certa e que aquela mãe era uma alma cheia de fé e ternura. Se tinha falhas no plano dos conhecimentos, por culpa dos homens corruptores da sã Doutrina, certo era que o seu coração pertencia a Jesus. Estava com a Reforma, em tudo quanto ela possuía de Verdadeiro, não lhe cabendo culpa, se ainda não tinha conseguido ir além, através da renovação do Batismo de Espírito Santo, de sua reposição no devido lugar, conforme Jesus profetizara que aconteceria.

Fomos com a jovem, para o seu dormitório, impondo-lhe o desejo de apanhar a Bíblia; ela o fez, começando a ler os textos indicados pelo Mensageiro que falava ao jovem discípulo. Aliás, foi ele quem se avizinhou da jovem, colocando-lhe as mãos sobre a cabeça, com o intuito de fazê-la adormecer, a fim de falar-lhe face a face, em sinal de gratidão.

Cansada que estava, e tão fortemente pressionada através do seu próprio conduto mediúnico, logo adormeceu. O Mensageiro tomou-a pela mão espiritual, ergueu-a e falou-lhe, alegre e carinhosamente. A seguir fê-la tomar o corpo, mantendo as mãos em sua cabeça, para não perder a lembrança do que lhe ocorrera.

A jovem acordou, levantou-se de um salto e ficou a meditar, sorrindo. O Mensageiro havia cumprido a sua palavra e ela estava cheia de imenso gozo espiritual. Eu também andei pelas raias do sublime, porque tinha meus encargos em execução. Deus não fez anjos de guarda especiais, mas a todos confere o direito e a obrigação de se tornarem mutuamente anjos guardiães. Demais, cumpre notar que a função do chamado anjo de guarda está em relação com as possibilidades do espírito encarnado, suas lutas e expectativas. Isso quanto menos, porque os graus de parentesco em tempos idos ou recentes, tanto mais achegam as criaturas e fazem compreender suas causas e questões, seus anseios e suas necessidades. De resto, as condições e situações, a esse respeito,

variam ao infinito. Proteções têm todos, assim os Grandes Mestres como os últimos da escala evolutiva; mas em termos, segundo a Lei, no plano de todo o respeito que se deve ao relativo livre arbítrio, sem olvidar os reflexos decorrentes da ação, dos atos de cada um.

Ninguém é anjo de guarda para trincar a Lei! Ninguém é anjo de guarda para fazer favores! Quanto muito, inspira-se em extremo e fica-se na expectativa, porque a vontade do encarnado é, até certo ponto, inviolável. Enfim, a função do chamado anjo de guarda é inspirar no sentido da Lei. Eis o que convém a todos saber, para efeito de contribuição feliz. Quem contraria a Lei Moral dificulta a função do seu anjo de guarda e chafurda nos carrascais da treva! É difícil entender semelhantes Verdades simples?

Todavia, cumpre dizer, a Revelação facilita a todos, porque estabelece contato entre os dois planos; isto é, torna direta e até imediata a obra de advertência. Não foi sem razão que Moisés desejou que o Senhor desse do Seu Espírito Santo a todo o povo, para que todo o povo profetizasse; não foi por acaso que Jesus entregou-se ao martírio, para merecer a função de Portador da Graça!

Doloroso é dizer, entretanto, que homens imperialistas e sanguinários corromperam a Doutrina da Graça, do aviso celestial, colocando em seu lugar homens fingidos, clerezia comercialista, supersticiosa e idólatra. Crime tremendo cometeram tais homens, porque enquanto o Apocalipse manda ouvir o que diz o Espírito Santo às reuniões de crentes, e aos filhos de Deus em particular, tais corruptores apresentam engodos, vestes fingidas, estátuas de pau, de pedra, tudo que é mudo e cala diante dos erros, das falhas e dos crimes!

CAPÍTULO VIII

Chegara o tempo de ser feita a quinta exposição. O discípulo havia lido quanto possível sobre as profecias. Compreendera vir, de muito longe, a promessa de um derrame de Espírito Santo, para servir de roteiro luminoso, e consolador de portas abertas, livre de esoterismos quaisquer.

Na última reunião feita, juntamente com o jovem sírio, que passara a tomar parte nos estudos e trabalhos, com vigorosa força de vontade, disse o Mensageiro ao discípulo:

— Por estes dias será feita a quinta exposição e última, nesse sentido. Que a vossa conduta seja boa, exemplares os vossos atos, a fim de que o equilíbrio espiritual concorra para a melhor lembrança dos acontecimentos. Sugiro que leiam regularmente bons livros, para que vossas mentes permaneçam em perene contato vibratório com o mundo espiritual, e assim possam colher benefícios vários. Se é certo que as boas obras redundam em boas recompensas, também é certo que primeiro vem o conhecimento e depois a realização. Procurai, pois, conhecer, a fim de que possais realizar. As boas leituras fazem as grandes almas, porque preparam mentes superiores, inteligências cultivadas e caracteres nobres.

Realmente, o pequeno grupo espargia sua atividade, contribuía para a iluminação de quantos ali aportavam, tangidos pela dor ou movidos pela natural vontade de conhecimentos.

Aos que vinham pela dor, o Mensageiro ordenava estudos e reforma íntima. Deviam deixar os vícios e as más palavras; a inveja, o ódio, a mentira, a calúnia, o ciúme, o adultério, o alcoolismo, o jogo, o egoísmo. Que se dedicassem às obras de auxílios mútuos, de paz, de tolerância, de perdão, a fim de que o equilíbrio psíquico forçasse a cura carnal e o saneamento dos envolvimentos espirituais.

Dera-lhes, para ser lida e meditada, a seguinte Oração, que vale por um portento de compreensão das leis de origem, de plano evolutivo e de finalidades a serem atingidas:

“Sagrado Princípio do Universo, Origem de tudo e de todos. Na Divina Luz que Tu és, como filho Teu que sou, desejo espelhar-me, cultivando o Amor e a Sabedoria.

Sei, Divina Luz Fundamental, que sou herdeiro de Tuas Glórias Inefáveis; compreendo, Senhor do Infinito, que devo despertar-me no Teu Seio de Luz e de Poderes, a fim de vir a ser, consoante Teus santos desígnios, reflexo perfeito das Graças e das Verdades Eternas.

Ampara-me, ó Luz Divina, para que eu possa vencer as lutas deste mundo! Faze, Sagrado Princípio, com que Teus Mensageiros guiem meus passos sobre a Terra! Dá-me, Senhor das vidas e dos destinos, o conhecimento de Tuas leis, a fim de que eu possa ser útil aos meus irmãos de jornada!

Pai Nosso, Fundamento Sagrado, apelo a Jesus Cristo, Diretor Planetário, a quem enviaste como derramador do Espírito Santo sobre toda a carne, para merecer a cooperação de Suas legiões iluminadas! Necessitamos, Senhor, das graças da Revelação, da assistência dos espíritos misericordiosos. Faze, Jesus, Emissário Divino, que nossos pensamentos sejam puros, que nossos sentimentos sejam nobres, que nossas obras sejam dignas exemplificações de Teus ensinamentos.

Ampara-nos, Jesus, em nossos anseios de santidade e de sabedoria, a fim de que possamos viver a paz e a tolerância, o perdão e a solidariedade.

A dor estende-se pela Humanidade, ó Luzeiro Divino, por falta de iluminação nas almas! As lágrimas inundam as faces, Divino Mediador, porque os erros habitam os corações e as práticas humanas!

A Ti, Jesus, que vieste trazer a toda a carne a Graça e a Verdade, rogamos o auxílio das lições evangélicas, a palavra e a orientação dos Mensageiros do Amor!

Atende, Senhor, aos que rogam a assistência dos instrutores espirituais. Envia, Senhor, espíritos curadores aos que se acham enfermos e rogam auxílio. Envolve a Terra, Jesus, com as Tuas falanges de espíritos piedosos e sábios.

Senhor Jesus! Que as orações não fiquem sem resposta; que sejam consolados os aflitos; que os apelos dirigidos ao Céu encontrem guarida no Teu Imenso Coração!

Vem, Senhor, e torna a verter lágrimas piedosas sobre as dores da Humanidade!

Põe as virtudes curativas, Jesus, nas águas e nas almas, nos cérebros e nos corações!”

Aos que vinham tangidos pelo gosto de saber, impulsionados pela chama interna dos anseios emancipadores, aconselhava continuarem firmes na senda investigadora, a par dos melhores exemplos na conduta social. Ressaltava, sempre, que a marca do homem está exposta na sua conduta, no seu comportamento junto aos irmãos de origem e destino, mormente aqueles que têm menos, que mais carecem de solicitude e contribuições edificantes.

Apontava a necessidade premente dos melhores conhecimentos básicos, pelo menos em questões doutrinárias, evidenciando que o Cristo veio depois das Escolas Esotéricas, por efeito de normas evolutivas necessárias havendo, por isso mesmo, obrigação de estudos gerais, de conhecimentos fundamentais, para que se assimilem as Verdades doutrinárias, segundo as linhas ascensionais, progressivas, culminando no Batismo de Espírito Santo, na Revelação ao alcance de todos.

E quando alguém lhe fazia alguma pergunta referente ao zelo que punha no cultivo da Revelação, respondia o Mensageiro com inteireza de exatidão, lembrando a tremenda responsabilidade do uso mediúnico. O próprio Deus, dizia ele, para colocar a Revelação ao alcance de toda a carne, enviou o Seu Máximo Representante Planetário, a fim de realçar a questão no plano das responsabilidades. E afirmava, de modo radical, que seria melhor nada fazer, do que aplicá-la contrariando os preceitos normativos da Lei.

Era comum apontar, como exemplo lapidar, aquele conceito do Cristo, sobre não haver perdão para o blasfemo do Espírito Santo. E assim fazendo, revelava o que era a Revelação para Jesus e como deveriam estimá-la os cristãos. E nós sabíamos que ele estava simplesmente certo, apenas justo em suas apreciações, porque o Divino Modelo não só veio trazer a Graça para todos, mas também deixar a marca inolvidável do mais integral e inelutável exemplo.

O discípulo aguardou a hora de ser chamado, para ouvir a última exposição. E a hora chegou, dias depois, normalmente.

Apareceu-lhe o Mensageiro, dizendo:

— Vamos ao encontro da quinta exposição.

Partiram, portanto, no rumo da região determinada. E ao chegarem ao imenso local, falou-lhe o Mensageiro:

— Fiquemos na porta de entrada, por algum tempo.

O discípulo não sabia porque, mas dentro de alguns minutos ficou sabendo: viu os que vinham sendo trazidos, alguns em melhor estado, outros em calamitosas condições e situações. Viu o moço dos ataques, que vinha constringido e rebelado, sem consciência da grandeza que estava a repelir; viu a jovem protestante, sorridente e feliz, acompanhada de dois espíritos luminosos; e viu o jovem sírio, acompanhado de alguns espíritos amigos, cheios de alegria.

— Isto é maravilhoso! — exclamou ele, observando o que ocorria.

Inteligente, o Mensageiro aduziu:

— Nem para todos... Como pode observar, a Luz Divina que se traduz pelas mais sublimes lições, converte-se em objeto de repulsa para alguns irmãos destituídos de compreensão. As obras de preparação, ou de iniciação, continuam sendo sementeiras naturais e simples, de nós para os encarnados, porém complexas dos encarnados para nós. Conforme as ordens superiores, lançamos as sementes em igualdade de condições, aguardando os respectivos resultados. E, como pode observar, elas continuam caindo em lugares diferentes, em terras boas e em terras improdutivas...

— É lastimável!... — falou o discípulo, constatando o menosprezo de muitos em relação aos programas pré-traçados no mundo espiritual, antes do reencarne.

E o Mensageiro emendou, reduzindo a questão a termos:

— Realmente. Quem vai à reencarnação e não quer pensar nas sagradas finalidades da vida, por certo não lhe honra a grandeza da oportunidade. Malbaratar uma passagem pela carne é preparar outra em muito piores condições. Todavia, quem renega a importância fundamental do Amor e da Ciência, logo mais cederá aos imperativos deprimentes do sofrimento...

Diante de um que vinha, trazido por quatro servidores, numa padiola, por estar gravemente enfermo, disse:

— Observe esse que aí vem. É um dos aprendizes desta região e local, que desceu em ótimas condições exteriores, para intentar necessárias realizações interiores. Entretanto, mergulhado na matéria, só tem olhos para o mundo e sentidos para viver anima-

lescamente. As extravagâncias alcoólicas e sexuais já o minaram, de forma a lhe diminuir os anos de vida, além de lhe embotarem terrivelmente as possibilidades psíquicas. Ao invés de cultivar os melhores contatos com o plano de origem, pela conduta exemplar, tudo tem feito em sentido contrário.

— É triste! — comentou o discípulo, penalizado.

Acrescentou o Mensageiro:

— Note-se que para um em boas condições, também basta um servidor para trazê-lo, enquanto que ele sozinho ocupa quatro. Observe que o Céu cumpre o que promete, para efeito de personalidade individual. Quando voltar, e chegar a hora de compreender o motivo de tantos sofrimentos e duras provas no porvir, contra quem poderá falar? A quem poderá acusar?

O discípulo ficou a meditar, sem responder coisa alguma; o Mensageiro continuou, concluindo:

— Ninguém vai ao mundo carnal para esquecer o Céu interior que lhe cumpre desabrochar. É por isso que Jesus encareceu a necessidade de orar e vigiar, para não ceder às tentações do mundo. E não é preciso repetir, que as tentações interiores são piores do que as exteriores. Egoísmo, orgulho e luxúria são piores do que assaltos espirituais inferiores. Inveja, falsidade, mentira e ódio conseguem mais do que falanges maldosas contra a criatura encarnada. A falsa fé, que descansa nos mancais corruptos da idolatria, da superstição, do comercialismo religioso e das aparências de culto espiritual, chafurda mais seres nos abismos do que as perseguições infernais exteriores.

Em tom de grave compenetração, murmurou o discípulo:

— Grave, muito grave é o problema do Céu interior, a ser desabrochado da criatura.

Estavam chegando os dois irmãos expositores, quando o Mensageiro rematou:

— Convém não esquecer a Lei Moral... Aquele que foi ao mundo carnal para derramar do Espírito Santo sobre a carne deu cumprimento à Lei Moral. Ninguém cometerá erro, pelo fato de lhe seguir as pegadas.



O expositor subiu à tribuna, lembrando que seria aquela a última exposição da série. Haveria sempre novas séries, para novos discípulos e aprendizes. Entretanto, lembrava a importância de não haver vantagem nas repetições.

E ressaltou a demora entre a quarta e a quinta lições, tecendo considerações em torno dos estudos que deviam ser feitos pelos aprendizes. Como estivesse de Bíblia na mão, fez breve recapitulação das quatro lições anteriores, dizendo que a chamada Sabedoria Antiga, ou Esotérica, nunca seria menos do que a introdutora do Batismo de Espírito Santo, trazido pelo Cristo.

— Lembrem-se, — afirmou ele, — que os antigos Grandes Mestres deixaram seus ensinamentos, e desencarnaram, assim ficando. Quanto ao Cristo, somente saldou a celeste promessa do Batismo de Espírito Santo, depois de voltar como Espírito. É conveniente saber, portanto, que a Igreja Viva foi edificada sobre a Revelação, pelo único Mestre que ultrapassou os poderes da morte, regressando como Espírito, a fim de epilogar a Sua função missionária. Buscai nas páginas gloriosas da História Religiosa, e não encontrareis fato semelhante!

O ambiente fremia, porque o expositor falava, agora, com tremendo vigor. Sua palavra parecia invadir os corpos espirituais, penetrar nas mentes e ir radicar-se nas profundezas da centelha espiritual.

Erguendo a Bíblia, com o braço direito, exclamou:

— Eis aqui um Livro, o Livro que por tantas alterações passou! Foi escrito por muitos Emissários! Foi queimado! Foi reescrito! Sofreu alterações e também conservou a alma de suas afirmações essenciais! Nele é que iremos encontrar, pura e simplesmente, qual tenha sido a função missionária do Cristo!

Debaixo de grande expectativa, começou a ler os textos proféticos do Batismo de Espírito Santo; era a palavra do Céu, que avisava a Humanidade, sobre Aquele que viria escancarar as portas dos Templos Iniciáticos:

“Eis aqui o meu servo, eu o amparei; o meu escolhido, nele pôs a minha alma a sua complacência; sobre ele derramei o meu Espírito Santo e ele promulgará a justiça às nações” (Isaías, 42-1).

“Eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e seu nome será Emmanuel” (Isaías, 7-14).

“E descerá sobre ele o Espírito do Senhor; Espírito de sabedoria e de entendimento, Espírito de conselho e de fortaleza, Espírito de ciência e de piedade” (Isaías, 11-2).

“O Espírito do Senhor repousou sobre mim, porque o Senhor me encheu da sua unção; Ele me enviou para evangelizar os mansos, para curar os contritos de coração, e pregar remissão aos cativos e soltura aos encarcerados” (Isaías, 61-1).

E lembrou o expositor, confrontando, as palavras proferidas pelo Apóstolo Pedro, quando mais tarde teve cumprimento a celeste promessa; diante da multidão espantada, eis como falou, explicando o fenômeno:

“Assim que, exaltado pela dextra de Deus, e havendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou sobre nós a este, a quem vós vedes e ouvis” (Atos, 2-33).

Feita a observação, voltou aos textos proféticos:

“Subiste ao alto, fizeste escrava a escravidão; tomaste dons para distribuíres aos homens, ainda aos que não acreditavam estar Deus entre eles” (Salmos, 67-19).

“Enviarás o teu Espírito Santo, e serão criados. E renovarás a face da terra” (Salmos, 103-30).

“Até que sobre nós se derrame o Espírito Santo lá do alto, e o deserto se tornará em Carmelo, e o Carmelo será reputado como um bosque” (Isaías, 32-15).

“Porque eu derramarei água sobre a terra sequiosa, e rios sobre a seca; derramarei o meu Espírito Santo sobre a tua posteridade, e a minha bênção sobre a tua descendência” (Isaías, 44-3).

“E eu lhes darei um mesmo coração, e derramarei em suas entranhas um novo Espírito, e tirarei da sua carne o coração de pedra, e dar-lhes-ei um coração de carne” (Ezequiel, 11-19).

“E porei o meu Espírito Santo no meio de vós, e farei que vós andeis nos meus preceitos, e que guardéis as minhas ordenanças” (Ezequiel, 36-27).

“E derramarei o meu Espírito Santo sobre toda a carne, e os vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos serão instruídos por sonhos, e os vossos mancebos terão visões” (Joel, 2-28).

Em meio ao silêncio reinante, que se fez com o estacato, rompeu a voz possante do expositor, exclamando:

— Eis aí, meus irmãos, a tarefa que cumpriria ao Cristo! Porque alguém viria ao mundo, com a gloriosa missão de Batizar em Espírito Santo, a fim de colocar a Verdade ao alcance de todos!

E passou os textos do Evangelho, isto é, aqueles textos documentários que confirmam a função missionária de Jesus; eram as palavras do Precursor, daquele que, vindo na frente, apresentaria o derramador do Espírito Santo sobre a carne:

“E eu não o conhecia, mas por isso eu vim batizar em água, para Ele ser conhecido em Israel...”

Aquele sobre que tu vires descer o Espírito Santo, e repousar sobre ele, esse é o que batiza no Espírito Santo” (João, 1-31 a 33).

“... Ele vos batizará no Espírito Santo e em fogo” (Mateus, 3-11).

“Porque a Lei foi dada por Moisés, a Graça e a Verdade foram trazidas por Jesus Cristo” (João, 1-17).

Após a leitura do último texto, que é de João Evangelista, lembrou o expositor as palavras seguintes, do mesmo Apóstolo, para significar quanto Jesus estava empossado de função missionária:

“Porque aquele, a quem Deus enviou, esse fala palavras de Deus; porque não lhe dá Deus o Espírito Santo por medida” (João, 3-34).

E prosseguiu, passando adiante as palavras do próprio Jesus, sobre a missão que Lhe cumpria executar; porque a Lei já vinha de muito antes, havendo sido renovada no seio dos tempos e dos povos, conforme o comprovam antiquíssimos documentos búdicos, também sendo exato que a Verdade, ou ensinamentos da Revelação, pairavam trancafiados nos Templos Iniciáticos, dentre os quais os Essênios fulguravam, pelo recato de suas práticas.

“Mas o Consolador, que é o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, ele vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito” (João, 14-26).

“O que crê em mim, como diz a Escritura, do seu ventre correrão rios de água viva. Isto porém dizia ele, falando do Espírito Santo que haviam de receber os que cressem nele; porque o Espírito Santo não fora dado, por não ter sido ainda glorificado Jesus” (João, 7-38 e 39).

“... porque se eu não for, não virá a vós o Consolador, mas se for, enviar-vos-lo-ei” (João, 16-7).

“Quando vier porém aquele Espírito de Verdade, Ele vos ensinará todas as Verdades, porque Ele não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e anunciar-vos-á as coisas que estão para acontecer” (João, 16-13).

Feita a leitura das palavras de Jesus, sobre a Graça da Revelação que seria oferecida a toda a carne, passou o expositor a tecer alguns comentários a respeito das escalas espirituais, das hierarquias vigentes, através das quais as Verdades de Deus são realmente transmitidas aos encarnados.

Advertiu, também, que aos espíritos em geral é permitido comunicar, para que a realidade seja conhecida. Lembrou a necessidade perene de severa vigilância nas obras, porque é pelas obras nefandas que os homens abrem caminho aos espíritos de baixo calão, mentirosos e enganadores. Asseverou, também, que ninguém chega a ter contato com quem deseje, mas sim com quem mereça ter, segundo viva em concordância com a Lei Moral.

Como fosse entrar para as coisas que aconteceram após a crucificação, renovou as palavras anteriores salientando que somente o Cristo, desde todos os tempos, retornara em Espírito, a fim de executar a promessa do batismo em Revelação.

“Aos quais se manifestou a si mesmo vivo, com muitas provas depois da sua paixão, aparecendo-lhes por quarenta dias, e falando-lhes do Reino de Deus.”

E comendo com eles, ordenou-lhes que não saíssem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, que ouvistes da minha boca, disse Ele. Porque João na Verdade batizou em água, mas vós sereis batizados no Espírito Santo, não muito depois destes dias” (Atos, 1-3 a 5).

“Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e ser-me-eis testemunhas em Jerusalém, e em toda a Judeia, a Samaria, e até às extremidades da terra” (Atos, 1-8).

Sobre o Pentecostes, ou início da Igreja Viva de Jesus Cristo, disse o expositor:

— Ouvistes, nas quatro primeiras exposições, quanto foram esotéricas as primeiras Grandes Revelações; e tivestes ensejo de ouvir que um dia viria alguém, a fim de abrir as portas da Verdade a toda carne. Eis que estamos defronte ao Pentecostes, a obra que fundiu todas as Revelações, que englobou todos os Verdadeiros

Grandes Mestres em um só Divino Mestre! Eis que a iniciação tornada franca, ampla, começou com os Apóstolos e mais algumas dezenas de pessoas, a fim de ir aos poucos envolvendo a Terra, ganhando a Humanidade para a Verdade!

E fez a leitura dos textos esclarecedores:

“E quando se completavam os dias de Pentecostes, estavam todos juntos num mesmo lugar.

E de repente veio do céu um estrondo, como do vento que assoprava com ímpeto, e encheu toda a casa onde estavam assentados.

E lhes apareceram repartidas umas como línguas de fogo, que repousaram sobre cada um deles.

E foram todos cheios do Espírito Santo, e começaram a falar em várias línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem” (Atos 2-1 a 4).

“Assim que, exaltado pela dextra de Deus, e tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou sobre nós a este, a quem vedes e ouvis” (Atos, 2-33).

“Fazei penitência, e cada um de nós seja batizado em nome de Jesus Cristo, e receberéis o dom do Espírito Santo. Porque para vós é a promessa, e para vossos filhos, e para todos os que estão longe, quantos chamar a si o Senhor nosso Deus” (Atos, 2-38 e 39).

Estava cumprida a promessa, — disse-lhes o expositor; — estavam abertas as portas da iniciação a todos os povos da terra! O véu do templo se rasgara de alto a baixo! Desaparecera o chamado Véu de Ísis, que significava a necessidade de manter a Verdade sob a reserva esotérica. A Graça e a Verdade, vindas para todos por meio de Jesus Cristo, estavam entregues à Humanidade.

Continuando a leitura, evidenciou os efeitos da Revelação; porque Ela marchava com os seguidores do Cristo, continuando a fazer Apóstolos e prosélitos:

“Estando Pedro ainda proferindo estas palavras, desceu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra” (Atos, 10-44).

“E como eu tivesse começado a falar, desceu o Espírito Santo sobre eles, assim como também tinha descido sobre nós no princípio” (Atos, 11-15).

“E havendo-lhes Paulo imposto as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo, e falaram em diversas línguas, e profetizaram” (Atos, 19-6).

“A caridade de Deus está derramada em nossos corações, pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Romanos, 5-5).

“Por eficácia de sinais e prodígios, em virtude de Espírito Santo, de maneira que, desde Jerusalém e terras comarcãs ao Ilírico, tenho enchido tudo do Evangelho de Cristo” (Romanos, 15-19).

“Para que a bênção de Abraão fosse comunicada aos gentios em Jesus Cristo, a fim de que, pela fé, recebamos a promessa do Espírito Santo” (Gálatas, 3-14).

“O qual em outras gerações não foi conhecido dos filhos dos homens, assim como agora tem sido revelado aos santos apóstolos e profetas pelo Espírito Santo: que os gentios são cordeiros, e incorporados, e juntamente participantes de sua promessa em Jesus Cristo, pelo Evangelho” (Efésios, 3-5 e 6).

Diante destas últimas afirmativas, de que pelo Batismo de Espírito Santo foram eliminados os conceitos de pagão e gentio, o expositor fez preciosa observação, encarecendo a obra maravilhosa de Jesus Cristo, envolvendo num Divino Amplexo toda a Humanidade.

“Não extingais o Espírito Santo. Não desprezeis as profecias. Examinai porém tudo, e abraçai o que é bom” (I Tessalon., 5-19 a 21).

“Guarda o bom depósito pelo Espírito Santo, que habita em nós outros” (II Timóteo, 1-14).

“Confirmando-a ao mesmo tempo Deus com sinais e maravilhas, e com virtudes diversas, e com dons do Espírito Santo, que repartiu segundo a sua vontade” (Hebreus, 2-4).

“Porque em nenhum tempo foi dada a profecia pela vontade dos homens; mas os homens santos de Deus é que falaram, inspirados pelo Espírito Santo” (II Pedro, 2-21).

“Ora, o que guarda os seus mandamentos está em Deus, e Deus nele, e nisto sabemos que ele permanece em nós: pelo Espírito Santo que nos deu” (I João, 3-24).

“Caríssimos, não creais a todo o Espírito, mas provai se os Espíritos são de Deus, porque são muitos os falsos profetas que se têm levantado no mundo” (I João, 4-1).

“Aquele que tem ouvidos, ouça o que o Espírito Santo diz às igrejas (reuniões de crentes): o que sair vencedor, ficará ileso da segunda morte” (Apocalipse, 2-11).

O expositor, depois de alinhar tão grande número de textos comprovativos da Verdadeira Igreja de Jesus Cristo, edificada sobre a Revelação, teceu comentários sobre as nove faculdades fundamentais, segundo Paulo entendeu e pregou. Passaremos adiante o texto bíblico, para que cada qual analise e tire o melhor proveito.

“E sobre os dons espirituais, não quero, irmãos, que vivais em ignorância. Sabeis que, quando éreis gentios, concorriéis aos simulacros mudos, conforme éreis levados.

Portanto faço-vos saber que ninguém, que fala pelo Espírito de Deus, diz anátema a Jesus. E ninguém pode dizer, Senhor Jesus, senão pelo Espírito Santo.

Há pois repartição de graças, mas um mesmo é o Espírito Santo. E os ministérios são diversos, mas um mesmo é o Senhor.

Também as operações são diversas, mas um mesmo Deus é o que obra tudo em todos.

E a cada um é dada a manifestação do Espírito Santo para proveito.

Porque a um, pelo Espírito Santo, é dada a palavra de sabedoria; a outro porém é dada a palavra de ciência, segundo o mesmo Espírito.

A outro a fé, pelo mesmo Espírito; a outro a graça de curar as doenças, em um mesmo Espírito.

A outro a operação de milagres; a outro a profecia; a outro o discernimento dos Espíritos; a outro a variedade de línguas e a outro a interpretação das palavras.

Mas todas estas coisas obra só um, e o mesmo Espírito, repartindo a cada um como quer” (I Coríntios, 12-1 a 11).

Não se esqueceu o expositor, de encarecer o devido discernimento, pois não se deve confundir a Unidade doutrinária do Batismo de Espírito Santo, com as diversas manifestações mediúnicas e os variantes graus e matizes da escala hierárquica espiritual. Um é o Fundamento da Igreja, edificada sobre a Revelação, quando muitas são as variantes mediúnicas e infinitas as gradações da escala espiritual.

Devemos lembrar, de nossa parte, que sempre é bom situar o expositor na época histórica, e no seu alcance discernitivo, fazendo o melhor possível dentro dos limites de suas possibilidades interpretativas. Convém lembrar aquelas palavras de Jesus, sobre serem muitas as Verdades ainda não ensinadas, por causa do pouco entendimento das gentes.

O expositor leu, a seguir, o texto que deveria ser o penhor de conduta de todos os crentes em Jesus Cristo; porque é impossível ser cristão, sendo inimigo da Revelação.

Comentou ele a conversão de Paulo, através de um grandioso fenômeno revelacionista, afirmando ter sido, dali em diante, o maior pregador e pugnador da Igreja Viva do Cristo, quer fosse pela sua cultura e compreensão, quer fosse pela sua indômita coragem diante dos mortais perigos que teve de enfrentar.

Depois da reunião do Pentecostes, que ficou sendo o modelo das reuniões, Paulo foi o Verdadeiro arauto de seus prolongamentos pelo mundo; onde quer que fosse, em meio a quaisquer perigos, ensinava e dava exemplos sobre a Graça e a Verdade trazidas por Jesus Cristo. As reuniões espiritualistas, ensinadas pelo Apóstolo dos Gentios, foram simples e livres de quaisquer aparatos; a importância estava na inteligência sadia e nos mais nobres sentimentos esposados. Eis como ele ensinou a fazer uso do Batismo de Espírito Santo:

“Se, pois, toda a igreja se congregar em um corpo, e todos falarem línguas diversas, e entrarem então idiotas, ou infieis, não dirão porventura que estais loucos?

Porém, se profetizarem todos, e entrar ali um infiel, ou um idiota, de todos é convencido, de todos é julgado.

As coisas ocultas do seu coração fazem-se manifestas, e, assim, prostrado com a face em terra, adorará a Deus, declarando que Deus Verdadeiramente está entre nós.

Pois como que haveis de proceder, irmãos? Quando vos reunirdes, se cada um de vós tem o dom de compor salmos, tem o de doutrina, tem o de revelação, tem o de línguas, tem o de interpretar, faça-se tudo isto para edificação.

Ou se alguns têm o dom de línguas, não falem senão dois, ou quando muito três, e um depois do outro, e haja algum que interprete o que eles disserem.

E se não houver intérprete, estejam calados na igreja, e não falem senão consigo, e com Deus.

Pelo que toca porém aos profetas, falem também só dois, ou três, e os mais julguem o que ouvirem.

E se neste tempo for feita qualquer revelação a algum outro, dos que se acham assentados, cale-se o que falava primeiro...” (I Coríntios, 14-23 a 30).

Terminada a leitura do último texto, o expositor olhou para a vastidão do ambiente, com o seu mais indagador olhar, perguntando:

— Sabeis agora, meus irmãos, quais foram a Graça e a Verdade que Jesus foi levar ao mundo carnal? Entendeis que coisa significa ter aberto as portas dos Templos Iniciáticos, entregando a Revelação a toda carne?

Um vozerio tremendo se fez, porque muitos milhares de irmãos responderam que sim.

Continuando a olhar, com seu penetrante olhar, tornou a perguntar:

— Sabeis agora, irmãos, que espécie de Igreja Viva deixou Cristo no mundo? Compreendeis o fundamento e a finalidade da função missionária do Cristo?

Outra vez o ruído tonitroante prorropeu, enchendo o vastíssimo salão. E o expositor voltou a perguntar:

— Sabeis, agora, que sistema de reunir tiveram os Apóstolos e seus continuadores, para manter contato com o mundo espiritual? Compreendestes, enfim, que era uma Igreja Viva, sem cleros e sem formalismos, sem vestes fingidas e sem rituais, sem idolatrias e sem fetichismos? Tendes concluído, então, que a questão espiritual é essencialmente uma questão de Amor e de Sabedoria, e que, portanto, jamais deixará de ser uma questão de consciência?

Grandiosa foi a resposta, que reboou pelo imenso e lotadíssimo salão.

Tornando a passar os olhos pela assembleia, com voz branda anunciou:

— Para vocês está finda a série de lições. Tereis no mundo, agora, os ensinamentos de vossos instrutores, de vossos guias e amigos espirituais. Lamento que muitos de vós estejais entregues ao poder do mundo, aos vícios e aos embotamentos psíquicos... Porém,

alegro-me com as graças de Deus, porque as lições foram dadas a todos, sem exceção. Estão sendo cumpridas, portanto, as promessas do Cristo! Ide, irmãos, porque os trabalhos vos esperam, e, para aqueles que se fizerem dignos, grandes colheitas haverá no Celeiro de Jesus Cristo!

Debaixo de profunda emoção é que a imensa assistência deixou o salão.

Enquanto o discípulo enxugava a sua lágrima de gratidão ao pé do leito, sobre o qual o seu corpo jazia, falou-lhe o Mensageiro, com olhar magnânimo:

— Rende graças a Deus, adquire conhecimentos e trabalha, que a Fonte Divina é pródiga ao infinito. Todavia, não te esqueças, ama ao teu próximo, faz pela sua evolução o quanto possas; enxuga suas lágrimas, conforta os corações aflitos...

E o discípulo sentiu-se acordado, consciente de tudo quanto ocorrera.

CAPÍTULO IX

Era um domingo, à tarde, ao terminar de uma reunião. O maior número havia saído, estando presentes apenas o jovem sírio, a moça ex-protestante e o discípulo. Conversavam sobre as lições, observando o Mensageiro que ali estavam três elementos de excepcional valor, pois chegavam a recordar minuciosamente, particularidades doutrinárias e casos vistos no amplo salão do outro plano, felizes ou dolorosos.

— Entretanto, — falou o jovem sírio, — ficamos desconhecendo acontecimentos posteriores; não sabemos o que ocorreu em seguida, após a morte dos Apóstolos e seus seguidores, quando a Excelsa Doutrina do Batismo foi eliminada. Sendo absolutamente certo que Jesus veio edificar a Doutrina do Pai sobre a Revelação, certo é que foi corrompida, para ter que vir a ser, mais tarde, restaurada. Como poderemos vir a ter informes seguros, se as lições terminaram?

O discípulo perguntou-lhe:

— Não têm vocês lembrança alguma daquilo que ocorreu na hora de retomar os respectivos corpos?

— Quem me devolveu ao corpo, — falou o jovem sírio, — foi um velho árabe; não recordo porém, tê-lo ouvido dizer qualquer coisa a esse respeito.

— Quanto a mim — disse a moça, — apenas tomei parte na última exposição. O que recordo, com toda a precisão desejável, é aquilo que vi e ouvi. Lembro-me de uma senhora, toda de branco, que me disse palavras carinhosas. Nada mais. Tenho certeza, no entanto, que uma vez conhecendo o Verdadeiro Cristianismo, pouco importa sabermos quem o corrompeu, quando o fez e para quem. Sinto-me feliz, muito feliz, por haver conhecido a Verdade através da Revelação. O Evangelho não é mais o Livro teórico, não fala mais de uma Doutrina vivida pelo Cristo e Seus Apóstolos, mas é o livro vivo, prático, o Testamento que continua a crescer, a ter aumentadas as suas lições, aquelas mesmas lições que Jesus Cristo não pôde então ensinar, porque as inteligências do tempo não as poderiam suportar.

Sinto-me feliz, afinal, porque tenho em mim a certeza de que posso colaborar com o Divino Mestre, na altura de minhas possibilidades, segundo as faculdades que se estão manifestando, a bem da Verdadeira evangelização do mundo. Sinto que me estou fazendo discípula...

Assim falava, embevecida num transporte de super lucidez, quando sua mão direita começou a ser movimentada por um emissário de alta esfera, que ali compareceu, vindo não poderia eu dizer de onde, nem com ordens de quem. Sei, apenas, que vinha cheio de autoridade, irradiando luzes e matizes de cores deslumbrantes.

— Quer ver, — disse ela ao discípulo, — quem é que tange meu braço?

O discípulo concentrou-se, viu e falou, recomendando que se procurasse lápis e papel, porque a entidade brilhante desejava escrever. Feito isso, foi a jovem perdendo a consciência, caindo em transe sonambúlico. Escreveu muitas folhas de papel, com estranha ligeireza e caligrafia que não era a sua.

Quando foram ler, estava escrito:

“O Pentecostes, como viestes a saber, foi o início da Igreja Viva, edificada sobre a Revelação, conforme o Senhor a deixara, segundo as promessas do Pai, feita através dos Profetas hebreus. Estais no conhecimento, também, do sistema de reunir dos Apóstolos, com a finalidade de cultivar a Revelação, o intercâmbio com o mundo espiritual.

Essa Igreja Viva permaneceu, até que o Imperador Constantino, a bem da política imperialista e sanguinária de Roma, a peso de perseguições e de mortes, fê-la desaparecer, transformando-a no catolicismo romano que conheceis. Muitas dores, milhares de vidas e grandes perdas para a Humanidade, custou essa corrupção tremenda. Eu fui um dos algozes da Excelsa Doutrina, tendo sofrido muito por essa causa. Grandes lutas enfrentei no curso de muitas vidas, para resgatar um pouco, deixando vasta soma de trabalhos para os dias em que seria feita a restauração.

De fato, vim nos princípios do século em que viveu João Huss; estive presente, e mais tarde sofri parte das perseguições levadas a termo contra os companheiros de Lutero. Evoltei, no tempo de Kardec, servindo como instrumento mediúnico, para que a Codificação fosse apresentada ao mundo, retransmitindo as lições imortais do Evangelho,

em singeleza e Verdade, além de ministrar o conhecimento e as minúcias de muitos e profundos problemas da vida.

Regozijai-vos com o Divino Mestre, pela tarefa singela que vos cabe, a fim de que possais vos contar, desde já, entre aqueles que lutam pela iluminação das almas, para a si mesmos se iluminarem.

Procurai a Verdade, com todas as forças do cérebro e do coração!

Mantende o espírito livre dos grilhões sectários, pois que o Espiritismo é a Síntese das Revelações, devendo pairar muito acima de superstições religiosistas!

Amai-vos uns aos outros, conforme a Divina Lição, porque aqueles que estão longe do Amor estão longe do Céu! E assim, pelo conhecimento da Verdade e pelas práticas do amor ao próximo, orai a Deus no templo da consciência, onde jamais deverá faltar o lume sagrado, que é a fé construtiva!

Tende horror à falsa fé; não deis guarida ao fervor contemplativo, destituído de obras edificantes. Que a vossa Religião seja o conhecimento e o culto prático da Verdade, para que possais amar a Deus em Espírito e Verdade, assim como Ele foi, é e será eternamente!”

Depois de lida a formosa mensagem, três almas encarnadas, irmanadas pelos mais nobres e elevados sentimentos, fizeram coro numa das mais comoventes orações que pude presenciar, até o presente, entre espíritos encarnados. Nunca tinha eu visto, e nem poderia supor, que tanto pudessem alcançar espíritos embutidos na carne, em matéria de penetração interior, a ponto de refletir com tamanha intensidade o Brilho, a Luz Divina, que é Deus, que é o Pai, essa Verdade Sagrada que todos temos por Fundamento, mas que bem poucos sabem compreender, procurar pelos caminhos do conhecimento e realizar na iluminação interna!

Diante do quadro comovente, senti que minha inteligência crescia, que minha consciência evoluía, atingindo um grau de espiritualidade jamais imaginado. Aquela onda envolvente, celestial, a tudo absorvia, proclamando o êxtase, clamando pelo Cristo interno, pelo Céu que dorme dentro de cada um de nós.

Atraído por tamanha unção espiritual, apresentou-se o primeiro Mensageiro, aquele chamado grande Mensageiro, com quem o discípulo fizera a sua primeira viagem astral. Era um dos imediatos do Cristo Planetário, uma luz que se avizinhava do Seu Divino Tutelar. Sua presença luminosa, deslumbrantemente gloriosa, encheu de sublimes vibrações o ambiente, transformando-o num mundo de luzes e músicas, de indizíveis graças de Deus.

Sob aquela tangência tremenda, foi o discípulo quem caiu em transe repentino, vindo seu espírito para o nosso lado, envolto na aura gloriosa do grande Mensageiro, do luminoso imediato de Jesus Cristo.

— Quantas graças! Quantas! — exclamou o discípulo, reconhecendo nele o primeiro instrutor espiritual que lhe viera em socorro, cheio de paz e de ternura para com os seus anseios de Verdade.

O grande Mensageiro falou-lhe, com infinita simplicidade:

— Mais graças temos, ainda, para desabrochar na intimidade espiritual. Não te esqueças de que somos filhos de Deus, que Sua natureza é Luz Divina, acima de cogitações para nós, segundo o nosso grau evolutivo, mas que temos por Fundamento a Sua Divina Essência, tudo quanto é de Deus. E se conseguiram atingir tamanho e tão glorioso alcance de penetração, foi por esforço próprio, foi à custa de trabalho psíquico elaborado na intimidade, pelos caminhos do Amor e da Sabedoria. Tendes encontrado, portanto, a Via do Senhor! Não abandoneis essa Via, sejam quais forem os percalços da vida, custe o que custar às vossas carnes, assim como nos deu Ele o Seu Divino Exemplo. Despertai o Cristo interno! Enchei-vos de Luz!

Desapareceu o grande Mensageiro, em sua própria aura de gloriosa luminosidade; e o discípulo voltou ao corpo, com os olhos rasos de lágrimas.

— Onde fostes parar? — perguntou-lhe a jovem.

Respondeu o discípulo:

— Estive aqui mesmo. Tornei a ver o primeiro Mensageiro; um dos imediatos do Cristo Planetário.

— Que te disse ele? — perguntou-lhe a jovem, muito interessada.

— Disse-me para trabalhar... O trabalho é o programa que conduz ao Cristo interno, à iluminação interior.

O jovem sírio murmurou, cheio de gravidade:

— Temos, Verdadeiramente, recebido grandes lições e maravilhosas graças. Não podemos esquecer as obrigações; não devemos olvidar que a Terra é um mundo cheio de trevas, mundo que carece de ingentes esforços esclarecedores.

A conversa entre os jovens prosseguiu, plena de felizes intenções. Foi assim entretidos que os deixei, porque alguns companheiros vieram reclamar cooperação, a bem de alguém que se achava muito mal e fazia suas invocações constantes.

Ao retornar, mais tarde, fui encontrar o discípulo mergulhado em auspiciosa leitura. Era um livrinho que lhe haviam oferecido, de máximas, onde colhia ele as pérolas de inestimável valor, porque impregnadas de severas e diretas advertências, principalmente para aqueles em que as faculdades mediúnicas se manifestam, os mais fáceis de influência, os mais necessitados de boas previndências em geral.

Minha promessa, junto aos amigos e companheiros de função, fora transportar o espírito do jovem discípulo, a fim de que fornecessem fluidos humanos, eletromagnetizados, para cooperar em uma cura desejada e possível. Assim fazendo os demais chamados anjos de guarda, teríamos volumosa e boa contribuição de fluidos curadores, com que atender a um irmão encarnado, cujos anos de negligência espiritual foram muitos, e que ora voltava ao redil dos contatos conosco, através do sofrimento horrível que o acometera.

Enfim, era um estulto a mais, como tantos milhões de outros que vivem sobre a Terra e nas regiões inferiores, gente de Deus, é claro, mas que tem a infeliz conduta de ser avessa ao Amor e à Sabedoria, instrumentos que neutralizam a dor.

De fato, consoante a palavra de um companheiro, dera-se ele ao nefando procedimento, pois acudira ao chamado de pretéritos recalques, descambando para o mais ferrenho materialismo, de cujo ponto ao desleixo moral poucos passos havia. Um certo espírito, que lhe dera lições de materialismo quando encarnado, a ele se colara, aumentando-lhe até certo ponto as convicções.

Com o evoluir dos dias, este espírito fizera-se consciente do seu estado de desencarnado, vindo a sofrer tremendas dores de ordem moral, caindo em profundo constrangimento. Reconhecendo que a vida continuava, passou a meditar e a visitar seus parentes e amigos, enquanto pôde. Quando o seu estado piorou, colou-se ao companheiro de convicções, não mais o abandonando.

O encarnado, entretanto, fora-lhe sofrendo a influência, caindo em amarguras e dores, até que um dia meteu-se no leito, para ali fazer longo e angustiante estágio. Porque os médicos não lhe dessem jeito ao mal, apesar dos muitos zelos, sua mulher atendeu a conselhos amigos, indo parar em um Centro Espírita, onde obtivera alertante informação.

Disse-lhe o espírito consultado:

— Todas as criaturas encarnadas se relacionam com o mundo espiritual, pelas consonâncias vibratórias, a lei que gera aproximações e repulsões, conforme sejam simpáticas ou antipáticas. O mesmo se dá no plano espiritual entre os espíritos e Deus: quem se aproxima d'Ele promove sua evolução, cresce no plano universal, transforma-se em veículo do Supremo Poder e goza de Suas Divinas Graças; quem se afasta, nega e atrita com o Poder Supremo, que lhe é Fundamento; prepara-se para más companhias e maus dias; as dores e as trevas lhe farão compreender, um dia, que deve tomar o caminho de retorno e levar de vencida a marcha triunfal, debaixo de tremendos esforços. Sim, debaixo de tremendos esforços, porque ninguém poderá discrepar violentamente da Verdade, sem que lhe pesem, no setor das responsabilidades, tremendas obras de reequilíbrio.

E com acento alertante, concluiu:

— Seu marido afastou-se de Deus, que por todas as manifestações da Natureza se revela Infinito em Presença e Poder, a fim de se unir aos estultos que encontrou pela frente, infelizes que não poderiam, como disse Jesus, acrescentar um côvado à sua estatura... Então é justo, irmã, que se renegue Deus, para aceitar ilusões e erros? Eis aí, que ele tem ao lado o seu mestre de brutalidades, o seu amigo de convicções, além de ter o gélido ateísmo a lhe minar as fontes do equilíbrio, da paz e da saúde. Seu marido, minha irmã, tem ruínas internas e externas com as quais deve ajustar contas. Para aconselhar, sugiro que comece desde já um vigoroso serviço de reação; que se arrependa de sua ridícula descrença, que se faça leitor de bons livros, que procure se livrar do infeliz acompanhante que tem ao lado. Nós o auxiliaremos, na razão direta em que se fizer merecedor. É um grande transgressor e necessita de uma grande reparação.

A mulher levou ao marido a mensagem do Céu, que lhe fora transmitida pelo seu emissário espiritual; e o marido, velho e decrépito, sem os estímulos da juventude e sem falsas venturas da saúde mal aplicada, considerou que havia cometido tremendo erro, do qual teria que se desfazer, custasse o que custasse.

— Verdadeiramente, — disse ele à mulher, — eu estou velho, cansado e doente, enquanto o Universo continua, cheio de vida e de esplendores... Na minha juventude, saturado de força e vigor, cheguei a pensar que o sol brilhava por minha causa e que a Terra

produzia para meu exclusivo benefício... Minha presunção não tinha limites, pois neguei até mesmo o Princípio das coisas e dos seres!... Neguei à Obra o simples e natural direito de ter o seu Autor!...

A mulher, que jamais perfilhara os conceitos estultos do marido, em surdina murmurou:

— Valha-me, Deus!... Onde se encontraria infantilidade semelhante?!...

E acrescentou, em tom de ironia:

— Que vais fazer com teu mestre e amigo, a quem trazes ao lado?

O marido, com olhos esgazeados, perguntou-lhe:

— Não te ensinaram alguma coisa?

— Ensinaram, — respondeu ela; — ensinaram dois remédios: ler e viver o Evangelho e tomar água fluidificada. Mandaram dizer, que à mente e à vontade cumpre um grande serviço renovador, para que o espírito venha a se colocar em situação de harmonia com o Fundamento, que é Deus, que reside no íntimo de tudo e de todos.



Este era o nosso doente.

Dentro de alguns minutos, portanto, caiu no sono o discípulo, que deixara cair o livro também. Apanhei-o pelo braço, completamente alheio ao corpo, que se achava em plena lucidez espiritual, dizendo-lhe:

— Estava esperando que o sono dominasse, para que ficasses completamente livre de qualquer influência vegetativa. Afinal de contas, não é questão doutrinária a que temos em vista. É uma cura, porém cura que em tudo está sujeita ao espírito encarnado, um grande devedor em matéria de fé...

O discípulo perguntou-me:

— Pratica ele alguma religião muito falha em relação à Verdade?

Respondi-lhe, tendo em mente a importância do assunto:

— Pior, muito pior que isso! Se é Verdade que a maioria das religiões cogita mais do que interesse dos seus donos, interesses que vão do bolso ao estômago, atravessando centenas de outros também mundanos, nem por isso deixa de conter o Alicerce Divino,

o germe da Verdade. O nosso irmão, que está muito mais doente do espírito do que do corpo, teve muito prazer em negar tudo quanto se refere a um Divino Princípio Emanador. Fez, portanto, muito pior do que cultivar uma religião cheia de falhas e comercialismos mundanos.

Chegando junto ao leito, dois outros protetores ali estavam, acompanhados da jovem ex-protestante e do jovem sírio. Imensa foi a alegria dos três, ao se avistarem de novo, horas depois, no mundo espiritual e a serviço de Deus.

— Vejam, — disse-lhes eu, — como sofrem os dois de frio insuportável, tanto o encarnado quanto o desencarnado. É o frio da descrença, é a gelidade da alma que os atormenta.

E o doente, enquanto isso, reclamava cobertores e chás quentes, com que atender aos males da alma, a se refletirem no corpo.

— Façamo-nos visíveis ao desencarnado, — propus, — a fim de levá-lo para o local adequado. É o primeiro merecimento, porque o encarnado andou lendo o Evangelho, e orando pela fluidificação da água, ação que beneficiou ambos.

Quando visíveis ao desencarnado, imediatamente quis ele saber:

— Terei muito por que responder, perante o Tribunal Divino?

Um dos companheiros falou-lhe, ensinando-lhe a grande lição, aquela que a todos cumpre saber, porque é simplesmente natural:

— O Grande Tribunal, irmão, é íntimo. A Chave do Reino de Deus é na intimidade que se encontra. Será instruído, para que volte a encarnação, nada mais. Ninguém chegará a ter, em Verdade, o Reino do Céu que em si mesmo não edificou. Não leu jamais, por acaso que fosse, as lições de Jesus? Não se lembra de ter dito Ele: “Eis aí, que tendes o Reino do Céu dentro de vós mesmos”?

O infeliz irmão abanou a cabeça, caindo em doloroso pranto.

Um dos companheiros disse ao jovem sírio, que também derramava lágrimas, condoído que se achava:

— Nem por acaso teve conhecimento da maior lição, de todas quantas foram ensinadas aos homens! Como poderia assimilar as lições do Consolador, se nem ao menos procurou aprender as mais fáceis e imediatas? Como atender às Verdades de que Jesus não tratou naqueles dias, se nem sequer tomou conhecimento da parte que foi dita?

Fizemos com que os três encarnados colocassem suas respectivas mãos sobre o doente, a fim de lhe passarem fluidos revigorantes e curativos em geral. Porque os fluidos estavam saturados de fé, carregados de sublimes valores psíquicos, não apenas eletromagnetizados. Existem fluidos que curam e existem fluidos que até induzem a sentimentos gloriosos. Aqueles que se identificam com a Unidade Divina, que Lhe sentem a Presença por causa dos desabrochamentos íntimos, esses podem transmitir fluidos que fazem mais do que curar os corpos. Transmitem graças realmente espirituais, graças que, quando bem aceitas e alimentadas pelos indivíduos que as recebem, podem produzir grandes e imortais efeitos.

Feita a passagem de fluidos ao doente, ele adormeceu. Foi então que o trouxemos para o nosso lado, a fim de que visse o companheiro de negação, prostrado como se achava, chorando amargamente o produto de suas dolorosas convicções. Depois, muito a propósito, recolocamo-lo no corpo, obrigando-o a ter lembrança dos acontecimentos. Afinal, para nós, era uma ovelha desgarrada que tornava ao redil do Pai, alguém que, tanto quanto nós, esteve sujeito a suas tentações internas e externas.

Como fosse de grande atrofia e cegueira espiritual o seu estado, voltou ao corpo assustado, clamando pelos filhos e pela esposa, dizendo que estivera com o infeliz companheiro de convicções; que tudo não fora apenas sonho, que de fato tivera com ele encontro. Relatou o estado em que o encontrara, cheio de dores e de tristezas, rogando perdão a Deus, clamando pela Sua misericórdia.

E com olhares espavoridos, exclamou:

— Um horror!... Um Verdadeiro horror!...

A esposa, no entanto, colocara pingos nos olhos:

— Uma graça de Deus! Reconheça que foi uma graça de Deus!...

E ante a perplexidade do marido, completou:

— Que a lição não fique em esquecimento, que ela sirva de exemplo e advertência a todos nós. Sem dúvida, foram Mensageiros de Deus que te fizeram ver semelhantes coisas, a fim de que te arrependas e sigas o caminho da fé construtiva.

Um dos filhos, treinado nas estultícias concepcionais do progenitor, em tom irônico perguntou:

— Fé construtiva?... Como é isso?...

Um dos servidores foi colocar a mão sobre a cabeça da entristecida progenitora, inspirando-a; e ela respondeu:

— Consciência espiritual varia ao infinito... As concepções também variam ao infinito... Mas a morte é certa e o espírito não morre com o corpo. Também a fé varia ao infinito, pois algumas se estribam no Verdadeiro conhecimento, produzindo obras imortais, enquanto que outras se estribam em aparências de culto, em rituais idólatras, em fetichismos e outras coisas mercenárias e inferiores.

O pai, ouvindo o discurso de sua mulher, satisfeito, murmurou:

— Ainda bem que você não perdeu o lume da fé!...

E voltando aos filhos os olhos marejados, aconselhou-os:

— Ouvi ao que ela vos disse... Pois que eu cheguei ao fim da vida, traído pelas minhas convicções, cheio de vazios na alma e dores cruciantes no corpo... É bom que vocês aprendam com sua mãe. De hoje em diante hei de mudar, também, se Deus me conceder mais alguns anos de vida...

Sempre inspirada, a sacerdotisa familiar adiantou:

— Deram-me um livro para ler. E nesse livro está escrito que Jesus veio ao mundo para batizar em Espírito Santo, a fim de que os homens aprendam a adorar a Deus em Espírito e Verdade, libertando-se dos cultos idólatras, das vestes fingidas, dos comercialismos religiosistas e de tudo quanto constituiu paganismo. Diz o livro, seguindo a mesma trilha doutrinária, que aqueles que procuram a Verdade em si mesmos, aí a encontrarão, porque Deus é íntimo a todos; que esses procurarão os caminhos do Amor e da Sabedoria, vindo a merecer, mais tarde, o galardão dos Verdadeiros, justos e santos.

Ainda com os olhos plenos de lágrimas, monologou o pai:

— Vão... Vão dormir... Não se esqueçam jamais de tudo isso...

Fomos embora, satisfeitos, também enxugando nossas lágrimas de gratidão a Deus. Porque nossas almas também são ávidas de Luz Divina, assim como nossos olhos podem chorar por motivos tristes ou alegres. Estamos em processo evolutivo, tanto quanto os encarnados, e sujeitos a quedas e fracassos, no curso das vidas e dos trabalhos educativos. E sabemos, por isso mesmo, o quanto é sublime encontrar numa alma pecadora o germe do arrependimento, da volta para Deus na intimidade.

CAPÍTULO X

Diz o refrão que o hábito não faz o monge; que para ser monge é preciso mais realidade e menos aparência; mais alma e menos corpo; mais cerne e menos casca. E todos podem compreender isso perfeitamente, apesar de que, no caso dos monges, sempre se procurou encontrar o Céu pelos caminhos do exteriorismo formal, quando a ele só se vai, normalmente, pelos caminhos da Sabedoria e do Amor.

Todavia, para aqueles que se fazem devotos do hábito, em detrimento da essência, surte daí uma vantagem falsa: é que, na hora do choque de retorno, ou do ajuste de contas, poderão culpar o hábito e não a si próprios, e não ao culto falso da fé.

Sempre foi ensinado aos espíritos, retardados em matéria de coisas do espírito ou psíquicas, que eles sempre poderão atirar a responsabilidade de suas faltas e agravos nas costas de algum outro responsável.

Em nome da Verdade, a mentira prossegue vencendo muitas almas!

Em nome dos Grandes Reveladores, a mercancia idólatra se faz respeitar como se fosse coisa sagrada!

Em nome da Virtude, a Lei de Deus continua a ser espezinhada.

Porque os ditos crentes, quando medíocres de entendimento, no lugar das práticas virtuosas colocam os fetiches, os engodos, as artimanhas formais e exteriores, os invencionismos de homens. Pretendem, assim como a si mesmos se iludem, iludir também a Lei, trapacear com a Divina Justiça.

E quando a hora sobrevem, remetendo-os aos fundões onde reinam as trevas e as reencarnações dolorosas, então arremetem irados contra a Verdade, ou com especial atenção no mestre de sua fé, ou ao seu profeta. Poucos são aqueles que aceitam suas próprias tristes encomendas... Alegam que foram crentes em Deus, que tiveram fé no seu profeta, que se cingiram aos rituais da sua religião.

Não perguntam se Deus pôde confiar neles.

Não querem saber se o Profeta esteve concorde com a forma de crer; se também retribuiu a crença em forma de confiança.

Não pensam na essência da Lei, reconhecendo que ela não pede engodos religiosos, mas sim respeito à Revelação e retidão de conduta. Respeito à Revelação, pelo fato de ter sido sempre o instrumento informativo; à retidão de conduta, em virtude da recompensa vir segundo as obras de cada um.

Continua, enfim, para todos os efeitos, aquela adoração de que falou a Escritura: a falsa adoração, aquela adoração que é apenas de conversa e de rituais pagãos, adoração que serve muito bem para acobertar toda sorte de cavilidades.

E nós fomos encontrar, uma vez mais, oportunidade formidável desta infeliz observação; fomos topar com o crime em plena acusação à Lei, imbuído de que estava com a razão, tão afeito e viciado andava nas coisas corruptas e pervertidas.

— Vamos! — disse o Mensageiro ao discípulo — Vamos procurar aquele por quem fizeram orações e nos reclamaram atenções.

E fomos à zona astral a que ele pertencia, em busca de informes, a fim de localizá-lo. Como deveis saber, todos os espíritos pertencem a uma única organização. Esta única divide-se em muitas outras, pois tendo que dar a cada um segundo as suas obras ou merecimentos, opera vastíssima escalação, capaz de atender a todas as necessidades.

Fomos, pois, ao plano a que pertencia o tal espírito, antes de reencarnar; e o chefe do departamento nos informou:

— Daqui saiu, para uma romagem de setenta anos, pouco mais ou menos. Espírito marcado pelas próprias faltas, possuidor de carma gravoso, foi em função de prova, tentando rebater o tremendo egoísmo que tantos males lhe causara em vidas anteriores. Cedendo em muito aos embalos do passado, meteu-se em transações ilícitas e terminou a vida envolvido nas malhas do fracasso e da treva. Está em região inferior, febrilmente acometido das piores ilusões. Agarrado ao dinheiro, fechou os olhos para todas as expressões da graça e da beleza, da fraternidade e da renúncia, caindo em cheio nas malhas da alucinação usurária. Para acréscimo dos males, fez de cada filho um porta voz de suas tendências; e influenciando mal sobre os amigos e conhecidos, prolongou a sanha egoística, incitando aos mesmos erros.

— Rogaram por ele, — informei, — sendo essa a razão pela qual viemos em busca de informes.

— Quando muito, — respondeu-nos o chefe, — poderão influir indiretamente, a fim de que se faça, pelo arrependimento, merecedor de breve encaminhamento ressarcitivo, em condições que lhe garantam não poder repetir tão clamoroso fracasso.

O Mensageiro propôs:

— Faça-nos conduzir ao local onde se encontra, pois queremos averiguar a real situação, a fim de providenciar a medida consentânea com a Lei.

E foi assim que fomos ter, depois de algumas peripécias, a um local trevoso, onde muitos irmãos, atraídos entre si pela ordem vibratória, na escuridão procuravam guardar seu dinheiro, seus cofres e seus documentos de posse. Assim como se fizeram, assim se tinham, nada mais. Vivos estavam, para se agitarem no mundo que para si próprios criaram. Tinham, no exterior, aquele justo ambiente que para si mesmos criaram no interior.

— A que escola religiosa pertenceu ele? — perguntou o discípulo.

— Muçulmana. — respondeu o Mensageiro, sorrindo — Maomé virá a ser, dentro em pouco, acusado de uma porção de falhas. Porque os culpados reais sempre necessitam de terceiros sobre quem descarregar as culpas; e, quase sempre, quando escapa de Deus, a culpa recai no Profeta da raça, da fé ou da simpatia pessoal.

Uma vez focalizado o descendente de Ismael, procuramos falar-lhe, a fim de sondar o Verdadeiro estado psicológico-mental.

E o pobre irmão contou-nos mil e uma histórias, alegando culpas, acumulando razões, confrontando situações. Referiu-se a dezenas de amigos e companheiros de atividade, acusando a uns, defendendo a outros, numa descarga contínua e terrível de impugnações e reivindicações.

— Que faz você por aqui? — perguntou-lhe o Mensageiro, a fim de lhe auscultar a posição mental.

— Doente! Muito doente! Olhe onde me atiraram os falsos amigos, aqueles que estavam e estão com o olho no meu dinheiro, nas minhas posses! Miseráveis! Ladrões! Usurpadores!...

— Irmão, você desencarnou... Seu corpo carnal já há muito foi enterrado... É conveniente pensar de outro modo, não xingar seus semelhantes, fazer orações e considerar os fatos reais... — foi-lhe ensinando o Mensageiro, todo paciência e magnanimidade.

— Morto!?!... Fatos reais?!... — bramiu ele, estentórico e perplexo, como se lhe caíssem sobre a alma, num jato, todas as tragédias do mundo.

E o Mensageiro, piedoso, repetiu:

— Sim, você não está doente, como pensa estar... A desencarnação é uma lei, é um fato, e foi isso o que lhe ocorreu...

— E estas trevas?!... — replicou, interrompendo-o, — Para que estas trevas? Para que esta angústia na alma? Por que, então, querem a minha fortuna?

Brando, cheio de comiseração na voz, respondeu-lhe o Mensageiro:

— Pecados fazem trevas e angústias, assim como a compreensão e a bondade fazem luzes e graças de Deus.

— Deus!... Deus!... — exclamou ele, colérico.

— Sim, lembre-se de Deus... Lembre-se da Lei... — repetiu o Mensageiro, com o propósito de lhe enveredar bem o pensamento.

Mas o antigo senhor de muitíssimas posses, num assomo de raiva, despejou contra Deus a soma total de suas ridículas razões; alegou seus trabalhos, recomendou sua imensa fortuna, defendeu seus processos, achando que no mundo todos podem mentir e usar de certas especulações, a fim de vencer na vida.

Quando terminara o seu inútil discurso, aconselhou-o o Mensageiro:

— Irmão, a Lei prescinde dos arrazoados de quem quer que seja. Não procure a sua defesa, que ela está garantida fundamentalmente, em sua justeza, para quando for hora. Lembre-se, antes, que é preciso ter confiança em Deus...

E ele, todo revolta, rompia com as suas alegações:

— Quanto fui eu religioso!... Onde está Deus?... Quero falar com esse Deus, quero fazer-lhe ver as minhas razões!... Terei cometido faltas, mas também tive a minha fé!... Oh!... Maomé!... Maomé, onde estás?... Não Te lembras de mim, das esmolas que fiz à mesquita, das quantias que dei a teus muftis?...

E enquanto nós pensávamos em dizer-lhe da Justiça Divina, que é acima de cogitações e que verte de dentro da criatura, na hora exata, ele agarrou-se ao Mensageiro, berrando como alma danada:

— Pelo amor de Allah!... Não estaria Maomé errado?!... Quem sabe se ensinou erros aos crentes?!... Por Allah! Acudam!...

O Mensageiro consolou-o, falou-lhe com brandura e carinho, porém sem deixar para trás as Verdades simples e fundamentais; e o pobre usurário, caindo em si, começou a rogar:

— Quem me irá amparar?... Deus me perdoará?... Tenho dinheiro... Tenho com que fazer o bem... Dar esmolas!... Muitas esmolas!...

— Não tem mais dinheiro, nada mais lhe resta da fortuna imensa; tudo aquilo que é do mundo, no mundo fica. Temos que saber usar os instrumentos do mundo, as ferramentas capazes de engendrar a grande vitória espiritual. Quem passa pela difícil prova da fortuna, deve aprender a dominá-la, para não ser por ela dominado e prostrado. Assim mesmo, ninguém deve deixar-se dominar pelas causas exteriores, pois os instrumentos de vitória, quando mal usados, transformam-se em instrumentos de crime, em fontes de erros e de fracassos.

Aparvalhado, realmente horrorizado, perguntou:

— Como farei, então?!... Contarei com que, para remediar as coisas?...

Docilmente, falou-lhe o Mensageiro:

— Não penses, agora, em esmolas e ofertas... Considera os fatos, conversa em teu íntimo com Deus... Lembra-te de Maomé, dos ensinamentos que legou, apesar das falhas contidas... Confessa-te em consciência, promete vir a ser melhor... Procura a paz, constrói a tua paz. Deus reside no íntimo de todos nós; todos nós somos filhos da Luz Divina, e nenhum recurso há, melhor, do que amar ao próximo e conhecer as leis fundamentais, para libertar o espírito. Religião não é atender a cleros e nem fazer ofertas exteriores; Religião, em Verdade, é o culto do Amor e da Sabedoria, porque essas virtudes é que iluminam os espíritos.

Repentinamente, quando menos se esperava, e depois de breve pausa, perguntou ele, fremente de esperanças:

— E se eu me fizer cristão?... Não é possível?... Responda, vamos!...

Com alguma serenidade, respondeu-lhe o Mensageiro:

— As religiões e os homens, no mundo, inventam rituais e sacramentos, superstições e fetiches, com os quais pretendem salvar e absolver as almas; tudo isso, entretanto, é comércio do mundo e no mundo fica. Nós, que aqui estamos, para ensinar a respeitar a Verdade é que viemos, pois Ela é que livra, quando o filho de Deus procura vivê-La. O Divino Exemplo foi dado pelo Cristo, e ao Cristo não dispensou o Pai o cumprimento dos deveres, consoante a Lei Geral preceitua e determina.

Mal o Mensageiro findara a sua explicação, voltou o infeliz, alegando:

— Pois não dizem que o Cristo é o redentor?!...

Prontamente, esclareceu o Mensageiro:

— Em princípio, como já disse, a cada qual será dado segundo suas obras; essa lei nunca sofrerá soluções de continuidade. Quanto ao Cristo, forneceu o Divino Exemplo, vivendo a Lei de Deus. Não mandou a cada um tomar a sua respectiva cruz e procurar vencer? Não profligou aos que clamam “Senhor! Senhor!” e obram a iniquidade? Como, então, podem alegar que Se tenha dito o redentor gratuito de quem quer que seja? Ademais, saiba, a função missionária de Jesus foi batizar em Espírito Santo, foi trazer para toda a carne a Graça da Revelação, a fim de que, pelo conhecimento da Verdade, cada qual saiba como lutar e vencer. Sei que esta questão é para ti indiferente, como indiferente o é para milhões de seres encarnados e desencarnados; sei, porém, que ninguém blasfema contra qualquer Virtude, sem pagar justamente pelo crime cometido. Porque de tudo chega a hora, quer seja para fazer justiça ou injustiças, quer seja para responder pelos feitos, recebendo a devida recompensa.

E antes que o pobre usuário dissesse algo, avisou-o o Mensageiro:

— Temos avisado, irmão, sobre a tua Verdadeira situação. Fica-te por aí, com as tuas razões, ou com os teus arrependimentos; quando vieres a merecer, naturalmente virão buscar-te. Depende de ti, agora, apressares ou retardares a tua saída deste local. E, para que saibas, viemos por causa de tua filha... Rogou pela tua sorte, e nós fizemos questão de servi-la, porque é desejava de boas realizações...

Admirado ao extremo, quis saber ele:

— Como pode ser isso?!... Como lhes poderia falar?!...

Mais uma vez, explicou-lhe o Mensageiro, feito à imagem da bondade:

— Através do Consolador, que se acha restaurado no mundo e em pleno funcionamento esclarecedor. Não te disse eu, faz pouco, que a função de Jesus foi batizar em Espírito Santo? Ou nunca ouviu falar em Espiritismo?

Prontamente, afirmou o infeliz:

— Maomé fez Espiritismo!... Foi o Anjo Gabriel quem Lhe falou!...

E a palavra simples e Verdadeira do Mensageiro, tornou a esclarecer:

— Todos os Grandes Iniciados, todos os “Fundadores de Religião”, todos quantos vieram, no curso dos tempos, ensinar Verdades espirituais aos homens, fizeram-no através da Revelação. Ela sempre foi o instrumento informativo das gentes, independente de questões raciais, regionais, sectárias, etc. E por mais que alguns Grandes Mestres tenham permitido ao erro entrar em seus ensinamentos, jamais deixou a Revelação de enveredar os filhos de Deus ao Reino do Céu, pelos caminhos do Amor e da Sabedoria. Quanto a Jesus, como já vo-lo disse, tendo vindo para derramar do Espírito Santo sobre toda a carne, por conseguinte veio para forçar uma Era de grandes renovações de variada ordem.

Entretido com as suas trevas e amarguras, balbuciou o pobre irmão:

— Então minha filha deixou Maomé?... Tem certeza disso?...

E foi necessário, ao Mensageiro, adiantar:

— No Batismo de Espírito Santo estão contidas todas as Grandes Revelações; porque Jesus Cristo não veio ao mundo para escandalizar a Verdade, naquilo que já era conhecida. Veio, sim, para torná-la ostensiva a toda a carne. E nós damos disso o testemunho Verdadeiro, afirmando que não ficará em trevas aquele que procurar imitá-Lo, cultivando a um tempo a Lei que enobrece e a Revelação que ilustra. Porque sem Moral não poderá haver paz e sem conhecimento de causa jamais haverá autoridade.

Antes que ele pudesse deter-nos, fomos embora, deixando-o bastante avisado.

Rente ao leito, onde repousava o corpo do discípulo, por um pouco estivemos a trocar ideias; e foi com muito prazer, que ouvi-lo dizer:

— Realmente, a Verdade não pertence aos mundos, não é propriedade das religiões e nem jamais será objeto de falcatruas humanas; Ela está em tudo, nas profundezas de tudo e de todos, ao dispor de quem faça questão de encontrá-La e Nela edificar-se. E todo aquele que estiver com Ela, como Jesus o esteve, encontrará a fortaleza e o triunfo, a redenção final e as glórias de Deus. Virá a ser Uno com o Pai, segundo a interpretação da chamada Sabedoria Antiga, interpretação a qual Jesus deu integral confirmação.

E o Mensageiro anuiu, satisfeito:

— A Luz Divina é a Essência da qual partimos, simples e ignorantes, com todos os valores psíquicos em potencial; fazemos escala nos reinos inferiores, enfrentando situações e condições quase infinitas, a fim de levar a termo o necessário desabrochamento; a esse desabrochamento é que se chamou, nas Antigas Revelações, o despertar do Cristo interno; e, finalmente, finda-se o processo evolutivo na Unidade estabelecida, na sintonização total com o Pai. Quando se chega a esse estado hierárquico, atinge-se o brilho de Deus, representa-se a Sua Divina Autoridade. São as falanges de espíritos crísticos que tutelam as metagaláxias, as galáxias, os sistemas planetários, os mundos e suas Humanidades. Em linhas gerais, podemos afirmar, tudo se resume em realizar a Unidade Vibratória, a perfeita consonância com o Princípio Sagrado. E como toda a Luz vem de Deus, o espírito que atinge tal estado torna-se refletor de Sua Luz e do Seu Poder. Não existem palavras, entretanto, que consigam revelar tais elevadas realidades; as palavras são como as filosofias, que podem tratar de tudo no campo teórico, mesmo que nada resolvam de fato, por ausência de trabalhos práticos. Cumpre, portanto, que se façam esforços reais, contínuos e bem orientados, a fim de se atingir a Verdade em sua própria essência.

E para que o discípulo tivesse noção exata dos fatos ocorridos, colocou-lhe o Mensageiro a mão direita sobre a cabeça, com o propósito de recolocá-lo no corpo. A par desse processo posto em prática, foi-lhe dizendo, com todo o vigor possível:

— Procura conhecer nos livros, nas palavras e nos diferentes elementos informativos; mas não esqueças, jamais, que deves a realização aos trabalhos íntimos. Conserva a mente ligada ao Pai, que é o Fundamento; mantém perene ligação com o Cristo, que é o Divino Modelo; e, como medida de ordem construtiva, agarra-te aos trabalhos de fraternidade. Aprende e ensina, sempre que seja possível. Liberta-te das formas inferiores de culto espiritual, ensinando e cooperando, para que teus irmãos também se libertem. A falsa fé é como o alimento deteriorado, que tendo aparência de nutritivo, serve apenas para envenenar!

Deixamos o discípulo, e fomos procurar a jovem ex-protestante.

CAPÍTULO XI

Não estava a jovem junto ao corpo, como já o prevíamos, por isso, fomos encontrá-la em companhia de seis outros irmãos, nossos parceiros de trabalhos, lidando em um cemitério, a fim de levar a um pobre irmão a palavra conselheira, o germe da recuperação futura.

Porque, seja como for, ninguém se faz mais ou menos edificado, sem o trabalho direto de sua mente, posto ela em atividade pelo esforço voluntário. Mistérios e milagres não existem, de maneira alguma, para quem conhece a Luz Divina, que a tudo engendra, sustenta e destina, conforme ensinava o antigo hermetismo egípcio; tudo é segundo leis fundamentais, nada é por acaso; e, assim sendo, quando o espírito ultrapassa os reinos inferiores, onde agia por força dos automatismos inconscientes, e penetra no círculo hominal, ou da consciência individual, deve tomar tento com a sua função mental, com o jogo das análises comparativas, a fim de lançar-se na trilha certa.

A trilha certa é a concordância com a Lei; e a Lei não é teórica, apenas, pois é a Força Básica, o Poder Equilibrador, que tange de dentro para fora. A Lei escrita, que informa de fora para dentro, lembra ao discípulo a necessidade inalienável de acertar os passos com a Força Básica.

O espírito que desconhece essa realidade simples e fundamental; que não vibra em função de um Poder Divino que tudo engendra, sustenta e destina; esse espírito é, ainda, naturalmente, primário, nos domínios educativos. Aqueles, entretanto, que vierem a conhecer essa realidade fundamental, devem atender a ela com todo o seu poder deliberativo. Para esses foi que o Cristo Exterior ou Exemplar sentenciou:

“Aquele que meter a mão ao arado, não olhe para trás.”

Quem olhar para trás, ou recuar, estará apenas dificultando, atrasando a marcha evolutiva do Cristo Interno. Estará fazendo contra si, pessoalmente, aquilo que nenhum inimigo exterior poderia fazer. Convém, portanto, enfrentar o problema da evolução consciente, ou intelecto-moral, com todo o critério, sem exageros, sem precipitações, sem fanatismos sectários.

Ninguém pecará, pelo fato de meditar no critério das Escolas Antigas, ocultando o conhecimento da Verdade aos incapazes; essas Escolas queriam, assim, evitar-lhes maiores faltas e agravos.

Desde, porém, que o Diretor Planetário veio derramar o Espírito Santo sobre a carne toda, ou abrir as portas dos Templos Iniciáticos, ou Rasgar o Véu do Templo, é errôneo pretender manter a conduta secreta. Desde então, ninguém tem o direito de ficar na porta, não entrar e dificultar a entrada aos que podem fazê-lo... Entre os muitos erros, conta-se aquele que é filho da presunção, do juízo temerário. É melhor evitá-lo. Ensine-se, portanto, aquilo que é necessário ensinar. Que os mais sábios ofereçam os melhores exemplos. E a Lei dará, a cada um, segundo o seu merecimento.

Em face do conhecimento da Verdade, coisa bem difícil é um irmão julgar o outro, qualificando-o superior ou inferior, capaz ou incapaz. A justa medida, pois, é aquela que contém o melhor conhecimento e o mais puro exemplo. O que passar disso, embora seja até mesmo bem intencionado, pode conter grande falha e vir a custar severos constrangimentos.

De resto, quem vier a conhecer a Verdade, faça coisas de bom conhecedor. Se vier a cometer faltas, não atire a culpa sobre terceiros. Quem é capaz de tomar a iniciativa de conhecer, que se responsabilize pelo seu mesmo proceder!



Como dissemos, fomos encontrar a jovem e mais seis companheiros, entretidos num trabalho motivador.

Quem estava, debaixo da terra, travando luta medonha, brigando de permeio com os vermes, com alguém que se armava de todos os poderes vingativos?

Qual o motivo daquele tremendo espetáculo?

Eis aí, em Verdade, um caso semelhante a milhões de outros, embora variando na escala das especificações. Quem erra num mínimo contra a Lei, ensinou Jesus, nem por isso deixou de errar. O mais, tudo é simples questão de variação intensiva.

Aquele homem que ali estava, debaixo da terra, no meio dos vermes, travando a luta que ele julgava ser de vida ou de morte, fora apenas um grande feiticeiro. O seu mal fora, simplesmente, empregar o mal após conhecer parte da Verdade.

Conheceu leis e forças de Deus e da Criação.

Valeu-se de seus poderes psíquicos e facultativos, para fazer o mal.

Articulou-se com elementos astrais de baixíssimo padrão vibratório.

E, conseqüentemente, encheu-se de trevas, marcando registros cármicas dolorosas.

Ali estava, pois, às voltas consigo mesmo, com as suas obras, com os inimigos que criara. Em lugar de trabalhar pela exposição da Luz Divina, trabalhou pela tenebrosa caracterização da personalidade. Tendo a Luz por princípio, engendrou a treva pela falsa aplicação de si mesmo! Não soube orar e vigiar, entregando a várias tentações o dever de ser fiel e prudente para consigo mesmo!

Metido naquela terrível contenda, dava luta a todos os vultos e a todas as imagens horrorosas que sobre ele vinham. E como estava totalmente entregue ao vício dos revides e das prevenções vingativas, enquanto lutava xingava e prometia mortíferas represálias, desconhecendo que havia passado para os rincões do mundo espiritual.

Unidas as forças daqueles irmãos socorristas com as vantagens dos recursos oferecidos pela irmã encarnada, foi ele num momento suspenso, tornado o mais lúcido possível, a fim de ser informado. Apenas informado, como ficou dito, pois as medidas de amparo viriam, com o tempo, segundo as proposições que ele viesse a tomar.

— Aqui estamos, — disse-lhe um dos servidores, — para fim informativo. Deve saber que desencarnou, que esta lutando em vão e que deve tomar outras iniciativas de ordem mental.

Contido na sua fúria pelos poderes superiores, ainda assim queria ele arremessar-se contra os servidores da Lei, por julgá-los inimigos, tomando-os como se fossem ferozes adversários, em plena obra de ludíbrio, a fim de o apanharem à traição.

Disse-lhes os piores palavrões, porque não os pode agarrar, preso que estava, por forças que o mantinham longe de conhecer e dominar.

E os trabalhadores da Lei volveram à carga, apontando:

— Olhe para baixo! Veja o seu corpo somático em decomposição!

Ele olhou, estarreceu e bramiu:

— Meu Deus!... Livra-me deste horrível estado!...

Um dos companheiros falou-lhe:

— Existem, pelo menos, três condições de erro: o erro por negligência, quando a criatura pouco sabe, e usa mal do pouco que sabe, por desconhecer o montante de efeitos calamitosos, no porvir dos tempos, das vidas e das provas expiatórias; existe o erro espontâneo, quando a criatura, por não ter conhecimento de causa, pode produzir o mal, pensando que está produzindo o bem. Virá a responder, é claro, mas lhe será levado em conta a ignorância e o bom ânimo. E existe o erro proposital, calculado, daquele que se deixa arrastar pelos aranzéis do mundo. Este erro será julgado a rigor, porque mais será exigido, como o ensinou Jesus, daquele que mais conhece.

Se pouco antes, confundindo os propósitos, queria ele arremessar seus ódios contra os servos da Lei, agora, reconhecendo os fatos, caiu em si, rogando misericórdia, querendo forçar a solidariedade que não merecia.

— Por Deus!... Não me abandonem!... Salvem-me!... — gritava ele.

Perguntaram-lhe:

— Podes alegar ignorância das leis e dos meios aplicados para o mal?

— Peço misericórdia e não justiça... Tende piedade para comigo!...

Replicaram-lhe:

— A glória é para os gloriosos; a paz é para os pacíficos; a misericórdia é para os misericordiosos e o socorro é para aqueles que já o merecem. Porque fizeste mau uso dos conhecimentos da Verdade, ou de recursos chamados transcendentais, viemos avisar-te, de ordem superior, para que o remorso te compila ao mais acendrado arrependimento. Cometeste um grande crime contra ti mesmo, aplicando mal os valores psíquicos já desabrochados; outro grande crime fizeste, amparando falanges de irmãos errados, e induzindo ao erro aqueles que foram caindo em tuas malhas infernais; e ainda outro erro, aquele que se caracteriza pela traição. Verdadeiramente, todos aqueles que usam de faculdades mediúnicas e de irmãos maldosos ou inferiores, para efeitos maldosos ou vingativos, responderão em muito maior conta. Essa é sem dúvida, a pior forma de blasfêmia contra a Verdade.

Alucinado, realmente espavorido, rogou:

— Tende piedade!... Prometo o mais profundo arrependimento!...

Enquanto foram largando as forças que o sustinham acima da tremenda tragédia em que estava envolvido; enquanto ele foi descendo ao seu infernal tugúrio, foram eles repetindo as palavras da Lei e da Justiça:

— Arrepende não é o suficiente; cumpre sofrer as consequências do mau propósito e ressarcir as faltas acumuladas. Cada crime é uma nódoa e cada nódoa é um fantasma vivo e tétrico, ao qual cumpre eliminar no curso das vidas e das expiações. Se queres aceitar um conselho, não traves luta contra as visões macabras, nem contra os infelizes que caem sobre ti, embalados pela sanha vingadora. Concentra-te e ora; confessa-te perante Deus no templo da consciência; e lembra-te com amor, de todos aqueles contra quem atiraste os dardos infames de tuas práticas hediondas!

Cumprida a tarefa, que já continha o germe da caridade, fomos dali nos retirando. Como havia algum tempo, demos para observar o que se passava num dos recantos do cemitério. E notamos que uma jovem encarnada, procurando observar o que ocorria por ali, mal continha a angústia que a dominava.

— Não te preocupes, querida, — disse-lhe o Mensageiro, — que atrás de tudo isso está a Lei. Não existem, aí, inocentes a sofrer. E aos pecadores capazes de arrependimentos profundos, envia Deus a Sua Misericórdia, em forma de avisos oportunos.

— Como no caso do feiticeiro? — perguntou ela.

— Como em todos os casos, quando haja reconhecimento dos erros e da capacidade de acendrada penitência. Nunca leste, na Escritura, que se faz bem-aventurado o pecador penitente?

Depois de a jovem ter dito de suas leituras, um dos servidores, em quem se reconheciam ainda as marcas da pouca evolução, ou da precariedade objetiva, pediu a atenção do Mensageiro, para indagar:

— Como atender aos ditos escriturísticos, com inteireza de fé, se alguns dos chamados Livros Sagrados contêm fortes lacunas, falhas evidentes e contradições francamente expostas?

— Leste, sem dúvida, muitos dos chamados Livros Sagrados. — atendeu-o o Mensageiro, fitando-o com simpatia e inteligência.

— Pelo menos, — emendou o companheiro, — sei de todos alguma coisa.

Envolvendo-o em carinhoso olhar, falou-lhe o Mensageiro:

— Através da Revelação, enviou o Senhor Planetário, desde os primórdios humanos, as lições necessárias, condizentes com o meio. Os melhores homens falaram pelo Senhor, segundo a feição histórica das raças, dos povos e das famílias humanas. E alguns dos Livros Sagrados foram escritos por muitos Missionários, através de séculos, depois de muitas lutas, de permeio com intocáveis percalços. E se é certo que um dia veio o próprio Senhor Planetário, vivendo a renúncia máxima que é possível a um espírito encarnado, e, por isso mesmo, revelando a Verdade e trazendo a Graça para toda a carne, bem patente é, como sabemos, que nem todos os Missionários foram como Jesus. Concordas com isso?

— Plenamente! — respondeu o companheiro — Mas eu falo dos Livros Sagrados e não dos Missionários, bondoso Mensageiro. Quero considerar as falhas dos Missionários inerentes à humanidade, porém desejo, muito mais ainda, acentuar as falhas que os Livros contêm, as terríveis contradições que ostentam.

O Mensageiro, como que aguardando as ponderações do companheiro, esclareceu:

— Apesar das falhas humanas contidas nos chamados Livros Sagrados; apesar dos erros posteriores, por causa das traduções e complicações; e até mesmo apesar dos erros propositais, para acobertar interesses clericais e sectários, ainda assim ninguém se perde por influência dos Livros Sagrados. As muitas falhas, de variada ordem e extensão, que neles podemos reconhecer, não bastam para empanar o brilho e a santidade de suas diretrizes fundamentais. Não acredita nisso?

O companheiro nem sequer respondeu, tocado de feliz emoção, agradeceu a atenção que o Mensageiro lhe dera; e este, amigo e dócil, acrescentara:

— Ainda mais, e para todos os efeitos, devemos considerar que a Súmula das Revelações, que é a Igreja Viva, edificada sobre a Revelação, poderá em qualquer tempo restaurar as lições corrompidas. Lembremo-nos, com inteligência, que Cristo não escreveu, nem prometeu Livros Sagrados, porque sabia sobre que bases informativas deixaria a Sua Igreja Viva. Que mais poderiam desejar os estudiosos, que o próprio instrumento revelador?

— Perfeitamente! — anuiu o companheiro, atencioso e satisfeito.

E quando menos esperava, perguntou-lhe o Mensageiro, a fim de focalizar diretamente a promessa do Cristo:

— Quando lhe perguntam os encarnados alguma coisa, referente aos poderes espirituais, que responde você?

Prontamente, respondeu o companheiro:

— Respondo, consoante as lições recebidas, que resolvam em si mesmos os problemas do Amor e da Sabedoria.

— E alguém duvida de quais sejam os frutos do Amor e da Sabedoria? — tornou a perguntar-lhe o Mensageiro.

— Não é possível duvidar. O Amor e a Sabedoria resumem a essência de tudo aquilo que já foi revelado, e aquilo que ainda não foi, devendo sê-lo no curso dos tempos que virão. Isso eu compreendo perfeitamente.

— Então, — disse-lhe o Mensageiro, — estão vivas e produzindo seus frutos imortais, as palavras de todos os Grandes Reveladores e as promessas do Cristo Planetário?

O companheiro, satisfeito pela explicação dada, abraçou o Mensageiro, cheio de gozo espiritual, satisfeito e agradecido.

Dali saímos, para entregar a jovem ao seu corpo, fazendo empenho de que tivesse alguma lembrança dos acontecimentos. Ela ainda estava se iniciando, vindo por isso a se chocar com algumas recordações. Mantínhamos, para com ela, os cuidados que bem merecia.

Ao pé do leito, falou-lhe o Mensageiro, o mais hierarquizado de todos nós:

— Se te lembrares de algo horripilante, não te esqueças, também, das graças que o Senhor te concede; faz três mil e quinhentos anos que Moisés desejou para todo o Povo a Graça da Revelação, e ainda está aguardando a compreensão desse mesmo Povo, mesmo depois de Jesus ter vindo batizar em Espírito Santo.

Ela olhou bem para o rosto feliz e inteligente do Mensageiro, dizendo:

— Compreendo, querido Mensageiro, a tua linguagem de bondoso servidor.

Havendo ela acordado, fomos dali em busca do jovem sírio.

CAPÍTULO XII

Este jovem, com a sua faculdade passiva, bom para certos esclarecimentos e de especial tendência ao receiptuário, desde que se irmanara aos serviços do discípulo e passara a contar com as palavras esclarecidas da jovem ex-protestante, vinha se elevando gradualmente na escala das forças psíquicas.

Qualifico, segundo a linguagem da Sabedoria Antiga, precursora do Batismo de Espírito Santo para toda a carne, como sendo a chamada força psíquica, algo que não pode ser confundida com algumas simples mediunidades facultativas.

A força psíquica é valor espiritual adquirido, é hierarquia, é grau na escala da edificação íntima. Ela vem como consequência das vidas e dos trabalhos, é o produto das obras, é penetração nas escalas vibratórias superiores.

Algumas mediunidades, no entanto, são facultativas, são graças e ferramentas adiantadas, são talentos emprestados. Como lei ou como recurso, a mediunidade está a serviço da Grande Lei, servindo para efeitos múltiplos. Vamos dizer, por ora, que se revela em dois polos dialéticos, fazendo ou perfazendo uma unidade completa, assim como se passa com todos os fenômenos do plano relativo ou da chamada Criação. Em cada um dos polos, revela-se em alguns gêneros, graus e matizes de grau. Quanto à mediunidade no polo ativo ou positivo, temos as faculdades mais conscientes, como sejam a vidência, a audição, o desdobramento, a inspiração e a intuição; embora variando muito no campo das intensidades, pertencem ao polo ativo.

No outro polo estão as faculdades passivas, em que o espírito encarnado fica sujeito a servir, sem ter o direito de saber, muitas vezes, como e para que serviu; outras vezes, desejando mesmo nada fazer, é a isso obrigado, ou indo parar em manicômios, ou sofrendo horrores, pois o caráter de prova ou de expiação aí estão evidentes, com mais precisão.

Cumpra não esquecer, entretanto, que a mediunidade fundamental é Lei de Revelação, cumpre função na Ordem Divina, toma parte em tudo quanto diga respeito à Lei e à Justiça. Tenha-se em conta excelentemente, ou em sua essência, é um dos atributos de Deus, da Unidade Divina, que como herança cabe aos filhos de Deus, vindo a se manifestar em todas as escalas da Vida e nos mais vários matizes.

Tudo, na Criação, é questão de variação no campo das intensidades, ou das hierarquias, ou dos graus vibratórios; porque tudo partiu da Unidade Divina e tudo tende ao retorno para a Unidade Divina. Ao espírito, como deveis saber, é obrigatório reingressar na Unidade em consciência; isto é, em estado de perfeita harmonia com a Divina Essência, a fim de vir a ser executor de Suas designações, nos infinitos departamentos do Infinito.

E a mediunidade, saibamos, é uma das virtudes acionantes ou agentes da marcha progressiva. Ela funciona, podeis estar certos, onde sabeis um pouco e onde por ora muito ignorais. Quando tiverdes crescido bastante espiritualmente, sabereis o que ela chega a ser e realizar, desde os primórdios do automatismo inconsciente até aos páramos da máxima iluminação celestial.

De modo geral, ou acompanhando a marcha progressiva, ela se vai revelando cada vez mais positiva e consciente. Crescer na ordem da força psíquica é, sem dúvida, forçar a mediunidade nos rumos da máxima consciência, da plenitude das leis de contatos ou de relação.

O jovem sírio, como dissemos, vindo a penetrar noutros domínios do saber, por injunção dos dois novos companheiros encarnados, penetrava também noutras esferas de aplicação. Os resultados já se faziam mais imediatos e positivos, quando se propunha a atender àqueles que o procuravam, para fins educativos e curativos, pois além disso, como cristão que era, negava-se a ir, com justíssima razão.

E como, em Verdade, o plano espiritual fica aguardando as convocações dos encarnados, porque a estes cumpre a deliberação de optar pelo caminho a seguir, conforme o relativo livre arbítrio, eis que fomos encarregados, alguns de nós, para atendê-lo em seus chamados, sempre que o prazer de servir, ou os impulsos santificantes da piedade, o fizessem apelar aos nossos trabalhos de assistência.

Ele pedia pelos outros, armado de boa vontade e muita fé; punha em função a sua faculdade passiva, movida pela grande força de vontade. E nós, dependentes do Plano Superior, através das escalas e dos departamentos de serviço, íamos procurando colher e dar, receber e transmitir, com grande alegria espiritual. Porque a graça de servir é, em qualquer esfera de paz, e para qualquer espírito de boa vontade, uma bênção de Deus!

Ele foi aumentando o seu círculo de atividades, como é natural. Cada vez que alguém se beneficiava; sempre que algum coração aflito sentia, pelos seus trabalhos e atenções, um pouco de alívio; ou desde que alguma lágrima estancasse pela oferta de sua mediunidade posta a funcionar, eis que outras tantas medidas de trabalho apareciam.

Foram, portanto, sobrando trabalhos na carne e fora da carne... Foram crescendo em número os amigos deste lado... Cresceram, também, os nossos prazeres espirituais, porque estávamos aptos a repetir aquelas palavras de Paulo, quando afirmou que o Evangelho não era de palavras, mas de fatos, e de sinais e prodígios em virtude do Espírito Santo; isto é, da Revelação.

Naquela madrugada, caberia a mim, em particular, atendê-lo num dos pedidos feitos; porque outros fariam, nas horas anteriores, a parte que lhes cumpria. Nossos trabalhos, tal qual como os vossos, dividem-se com o tempo e com os indivíduos. E também temos muito gosto em servir, além da medida de obrigação, quando calha de ser possível, desde que alguém o mereça.

Quando chegamos, já os servidores da hora anterior haviam feito a respectiva parte, rumando para outros rincões e trabalhos, e também para suas folgas, estudos e diversões.

— Vamos? — falei-lhe, assim que o tivemos ao dispor.

Tantos eram os casos, que ele perguntou:

— Qual o caso em vista?

— Aquela pobre mãe que, com a responsabilidade de esposa e de quatro rebentos, paira num leito, curtindo suas dores e sofrimento, tristes apreensões, porque lhe crescem pela frente o desalento da família, o desconforto e a impressão da orfandade em que poderá deixar os filhos.

Tristeza mortal invadiu a alma daquele humilde servidor encarnado; porque havia estado naquela casa, medindo a extensão da pobreza, do sofrimento exposto e daqueles que jaziam latentes na alma daquela pobre mãe. Acima de tudo, aquelas pequerruchas, uma das quais tinha apenas cinco meses de idade.

Por que sofria a mulher e a família?

Por que vinha o socorro na hora certa?

Ninguém se iluda pensando em possíveis acasos!

Para resumir, diremos que primeiro estiveram as grandes culpas do passado; e que, depois, compareceram as dores consequentes, os resgates e os serviços consoladores. Tudo questão de Justiça e de Ordem, nada mais. Tudo simples, tudo normal e justo.

Pedimos compreensão das leis e dos fatos, não aceitação passiva ou cega. Se a confusão aparecer, quando olharem as questões de baixo para cima, façam o favor de, com algum esforço, focalizar as questões de cima para baixo. Tudo quanto estamos expondo, e é muito pouco, tem apenas a finalidade de fazer conhecer as Verdades da Grande Verdade. Não estamos tratando da Graça e da Verdade, que foram trazidas pelo Cristo, para toda a carne, e que agora se apresentam, restauradas, na Doutrina Espírita? Ou, como pretendeis conhecer o Todo, desconhecendo as partes constituintes?

Aquele caso, portanto, resumia e testemunhava a lei de causa e efeito, lei que abrange as liberdades relativas e as finalidades absolutas. Um caso que serve de termo analítico para todas as questões humanas, com referência aos trabalhos evolutivos, onde se revelam normais os erros e as devidas reparações, para que o espírito vá subindo, vá galgando o grau crístico ou sintonização com a Verdade Luz.

Chegados ao local, todos dormiam, menos a doente, que, para não molestar o sono repousante dos outros, gemia em surdina.

— Primeiro, — determinamos, — tratemos de afastar o vingativo. Porque quatro deles, as leis de acesso à redenção converteram em filhos, pelos quais eles, os pais ou grandes devedores do passado, hão de trabalhar e sofrer, para alimentar, para curar de seus males, para educar, etc. E a este outro, que ficou para esta parte do programa ressarcitivo, tratemos de dar o rumo também justo e necessário.

— Sabe de tudo, então? — perguntou-me o jovem, admirado.

Respondi conforme a realidade:

— Eu não sabia. Mas como esse homem que aí está, que agora é marido e antes foi companheiro de graves faltas, procurou-te, e tu nos convocaste ao trabalho de assistência, claro é que procuramos atender. E para atender da melhor forma, fomos procurar os motivos, nos arquivos das regiões a que pertencem. E como poderíamos servir a Deus, através da Lei e da Justiça, desconhecendo as causas? Ou desconheces, acaso, que as organizações de assistência estão divinamente aparelhadas, em diferentes gradações e departamentos de serviços, para atender com exatidão, consoante a Justiça? E que é a Justiça, que a Lei faz movimentar, senão a engrenagem, o instrumento, que mede com presteza, que atua com harmonia, a ponto de reclamar a paga dos débitos, sem esquecer aos clamores do arrependimento e do trabalho redentor?

O Mensageiro, que se mantivera calado, anuiu:

— Em Verdade, a Lei e a Justiça agem equilibradamente, oferecendo sempre as justas oportunidades de paga e de avançamentos. De qualquer modo, as faltas serão resgatadas até o último ceitel, conforme a lição do Cristo; mas, em conformidade com o grau de culpa, de paga, de arrependimento e de propósitos evolutivos, são oferecidos os amparos necessários e as oportunidades condizentes. Ninguém ignore, entretanto, que a Lei faz girar os mancais da Justiça, de maneira tão precisa e eficiente que, aos espíritos pouco evoluídos, encarnados ou desencarnados, os pormenores, as minúcias ou matizes de oportunidades passam despercebidos. O maior número, na crosta, não atina com as causas e os efeitos, embora não consiga escapar de suas malhas inexoráveis, impassáveis e intransferíveis.

E como ficasse o servidor encarnado a observá-lo, desejando beber naquela fonte límpida, o Mensageiro emendou:

— Pensas no recurso a ser usado, para vencer o desconhecimento dos pormenores legislativo-judiciário? O recurso é constituído de prudência, pela observância da Lei. De paciência, pelo conhecimento da prudência. E de confiança, pela certeza dos efeitos da paciência. Daí, então, derivam a mansidão, a tolerância e o perdão, que vão aos extremos da renúncia.

E com a palavra a expressar a consciência que tinha de realidade, completou:

— Não nos esqueçamos, amigos e irmãos, Aquele mesmo Divino Modelo, que afirmou estar na paciência a medida de vitória, Ele mesmo recebeu a crucificação, sem reclamar direitos humanos, e, lá de cima, rogou perdão para Seus algozes. Em Jesus, para todos os efeitos, não temos apenas o Portador da Igreja Viva, mas também o Programa a ser observado. E se Ele apelou para a prudência, a fim de ser paciente, e daí extrair a vitória final, como devemos nós agir? Ou poderá alguém vencer num ambiente inferior como este Planeta, sem usar de toda a paciência possível? Não estamos, acaso, lidando com espíritos endividados, sofredores e carentes de muita paciência?

Ninguém disse palavra, porque o silêncio resumiu tudo.

Fomos, pois, ao caso. Retiramos o feroz vingador, fazendo com que o servidor encarnado, a seguir, transmitisse a ela seus fluidos especialmente curadores. A distribuição foi operada pelo Mensageiro, cuja capacidade, em amor e vontade, estava muito acima da minha, bem como da dos demais irmãos presentes.

Quando alguém pensar nas aplicações técnicas, vá até certo ponto... Porque o Grande Amor, quando começa a se revelar nalgum filho de Deus, por evolução realizada, aí opera outros poderes, outras ativações, maravilhosas funções! A técnica vai até certo ponto, bem o sabemos; o Amor vai tão longe, sobe a tais alturas, que nós estamos longe de precisar! Quero discutir as questões técnicas, com todo o respeito que merecem; mas faço questão de me curvar diante do Amor!

E aquela irmã, aquela mulher outrora tão vil, depois de resgatar através de muitas dores elevada soma de culpas, tendo batido um dia, quando chegou a hora, à porta de uma casa consoladora, teve para atendê-la, para servi-la, o Amor! Sendo assim, ingressaria, como ingressou, na escola da Verdade. Mais tarde, tendo nela se manifestado faculdade servidora, procurou atender a terceiros, lembrando o tempo em que fora servida. E mais, porque seus filhos e o tal espírito vingativo, outrora vítimas de suas maldades, também entraram para o Caminho do Senhor.

CAPÍTULO XIII

Termino a minha exposição, de informações contributivas, a bem do conhecimento da Verdade e da Graça, que por Jesus foram trazidas a toda carne; tendo certeza de que dois fatores merecem consideração: um, que transmiti o melhor possível, a fim de fazer compreender a função missionária de Jesus; outro, que não é possível passar ao papel a majestade gloriosa das questões tratadas.

Quando muito, fala-se delas, fazendo ver ao longe a nesga de Luz Divina que a tudo engendra, sustenta e destina. Mais não é possível, por mais que se queira e se façam esforços de aplicação.

A cada um cumpre desabrochar, na intimidade, o Cristo Redivivo, a libertação final! O triunfo sobre a morte! A união celestial!

Quem o fizer, saberá o que tivemos em mente executar, por ordem superior; porque a palavra faz saber, mas a prática faz viver!

Os caminhos foram indicados, as lições foram citadas e os exemplos foram expostos; desde os Vedas, as primeiras Grandes Revelações foram reverenciadas, precursoras do Batismo do Espírito Santo, da Igreja Viva e Universal, edificada sobre a Revelação.

Por isso dizemos, ao finalizar a exposição: compreendi a função de Jesus, para que possais viver o Cristianismo! Vivei o Cristianismo, para que possais despertar o Cristo Interno! O Cristo é Amor e Sabedoria!

Por que motivo fizemos esta exposição das Grandes Revelações, para significar a função de Jesus, que foi a de trazer a Graça e a Verdade para todos? Em que se fundamentou a nossa iniciativa, afinal de contas?

Daremos a explicação, de modo geral, sem entrar em minúcias explicativas.

Reuniram-se nas Altas Regiões, sob a tutela do Cristo Planetário, os Imediatos de Sua Magnânima e Justa Administração, para tratar de várias questões referentes ao Planeta, na hora em que este transita para uma nova era, sofrendo convulsões tremendas, defrontando problemas e situações angustiosíssimas.

Como a ordem religiosa é aquela que sintetiza as demais ordens de atividade, foram compulsados todos os fatores; foram feitas revisões acuradas sobre o curso das Revelações; foram considerados todos os elementos aproveitáveis; e ficou decidido que seriam envidados esforços, todos quantos possam ser arregimentados, a fim de tornar o homem de boa vontade conhecedor da Síntese Geral, da Verdade em sua expressão mais simples, mais objetiva, mais ao alcance de sua capacidade assimilativa.

Não houve necessidade de recorrer a fatores adventícios, alheios ao processo informativo; nenhuma fórmula estranha; nenhum instituto para ser acrescentado. Foi aprovado, como sendo justo, normal e contínuo, o informe através da Revelação, da comunicabilidade dos anjos ou espíritos. Foi, por isso, em conclusão, feito uso da Alma das Revelações, do Espírito das Profecias, do Cerne das Bíblias!

A Graça e a Verdade foram, mais uma vez, os instrumentos de aviso e alerta!

Para estudos e confrontos, estão de pé, nem mais e nem menos, do que os fáceis e simples Livros Sagrados da Humanidade; basta que haja boa vontade, para que a Verdade transpareça e a libertação se faça, simples e racional, estribada nos mancais de uma Sabedoria que jamais se desmentiu: a Moral que enobrece e a Revelação que esclarece!

Eis a que conclusão chegaram, os Imediatos do Senhor Planetário, a fim de lançar aos homens de todos os rincões do Planeta, a palavra amiga e convidativa, palavra simples e meiga, sem protestos e sem ameaças.

Nos meandros da exposição, deveis compreender as necessárias observações; porque a Lei de Causa e Efeito, por si movimentará a Justiça, quando for necessário e no devido tempo. Disso já o sabeis. Conhecendo, normalmente ouvireis crepitar em vossas almas a voz da prudência! Evitareis, então, os procedimentos condenáveis, para evitar que a Justiça intervenha de maneira cominativa.

Observai a Luz que ainda verte das Antigas Revelações!

Compreendi a função de Jesus, abrindo as portas dos Templos Iniciáticos!

Vivei a Lei, para terdes a paz!

Cultivai a Revelação, para terdes o conhecimento da Verdade!
Amalgamai o Amor e a Sabedoria, para crescerdes em autoridade!

E ireis triunfando sobre a Dor e sobre a Morte, passo a passo, assim como fizerdes para exaltar o Cristo Interno, a Súmula de Todas as Verdades, que ainda se acha dormente, sujeito a múltiplos embargos e percalços!

Tende, por Exemplo Divino, a quem sabeis que não estacou nas fronteiras do túmulo; em Seus ensinamentos bebei, em Suas práticas cresci, em Seu batismo procurai o máximo esclarecimento!

Apontando-vos o Cristo, aponto-vos a Lei Viva, que contém a Moral que harmoniza e a Revelação que ilustra. Eis o Caminho do Senhor!

F I M

UNIÃO DIVINISTA
www.uniaodivinista.org